quanto à escrita: a literatura negra não precisa de copywriters

manifesto antiantropofágico, antimovimentista, desescrevivente, descrente de tudo, desesperadamente em busca duma expressão artística capaz de ter umas ideias que ainda não tão no twitter; originalmente um recorte do posfácio de Gesta Parda

edição *ne varietur* por vontade minha mesmo

· eu também já quis jogar bola

Em 22 de Maio de 2023, a Editora Pallas publicou no seu perfil oficial do instagram uma nota de comprometimento com a luta antirracista em resposta ao caso do jogador negro que então recentemente havia sofrido injúrias raciais — pasmem! — *no território europeu*, onde, não sem ganhar uma bolada de grana, — pasmem! — ainda joga pro Real Madrid.

Ignorando, se possível, os aspectos superficiais dessa declaração[1], ignorando os poréns e pós-poréns da relevância ou não de notas de repúdio e as possíveis estratégias de *marketing digital* por trás dessas coisas[2], a postagem feita pela editora diz muito sobre o estado atual da literatura afrobrasileira *mainstream*[3]. Eu *acho*.

De forma ampla, sendo esse o argumento que conduzirei aqui, essa postagem *diz sobre* o quão desconectados os casos de sucesso de autores negros do Brasil são do nascedouro da nova arte[4] e o quanto as editoras negras que se sustentam nesse *nicho* sistematicamente ignoram a *kalunga-pior* de autores independentes, — i.e. — autopublicados, publicados por editoras que se diferem de 'autopublicação' por não mais que conceitualização, ou mesmo figuras menos 'simpáticas' pra promoção da imagem vigente de Cultura Negra. Existe uma versão *mini* e irrelevante da problematização do

[1] E a leviandade maleitosa com a qual resumo o, de fato, crime; comoriente ao chapisco que eu vou levar no twitter por me posicionar cinicamente em relação ao expurgo coletivo que acompanha casos televisionados. Não tenho nada contra midiatismos imediatistas. Meu problema é com a mamata e isso desenvolvo ao longo do presente manifesto.

[2] E a *#interseccionalidade* da militância negra com exatamente esse tipo de 'resgate de consciência' que flerta com o que há de mais tecnologicamente europeu, o que é soez em termos de presença digital e denuncia uma performatividade de agremiamento estudantil.

[3] Discussão-de-termo que não vou entreter. É só pra avisar escritor fudido que o grosso da crítica não cabe em *comic sans*.

[4] De maneira análoga ao quanto os casos individuais de conquistas coletivas estão distantes da coletividade à qual acenam em agradecimento.

capitalismo negro que precisa ser explorada com seriedade no mercado de arte, pra quem abraça o rolê[5].

Quanto ao caso internacional: a Pallas se posicionou. Emojis de palmas; e não dos amarelos. Quanto a isso: com certa tranquilidade, houveram até comentários de apoio. E a presença pesarosa de racialidade em coisas sem pele preocupa por-demais meu afropessimismo.

Nem um ano antes do caso supra, contatei a mesma editora pra saber se tinham o recebimento de originais aberto, assim como muitas outras editoras temáticas que também contatei. Eu tinha um material — que se tornou o Gesta Parda —, muito imune às estratégias de autopromoção e autodivulgação que a *jornada* de publicar sozinho, ou semi-sozinho, engendra.

Eu precisava do calor nas costas de uma casa de circuito catando-feijão nas ameaças de morte que eu ia, com toda a certeza, receber no Goodreads; portanto a procurava.

Alguns meses depois tive que enviar esse manuscrito ao Prêmio SESC porque 'no momento não estamos abertos ao recebimento originais', ou assim me respondeu em email a *editora* comprometida. Não preciso divulgar o resultado.

Não pela primeira vez, não pela segunda — já é o meu terceiro livro —, a ideia de 'pluralidade' e causa-comum escapa a mim enquanto beneficiário das minhas contribuições prévias. A Previdência de hoje não é senão a minha segunda desesperança de retorno do meu trabalho. Quem foi negro — *e soube* — nos anos dez, sabe bem o que é trabalhar de graça pro governo.

Quando eu tenho que me submeter a processos de prestigiação literária em ampla concorrência com editoras e instituições tradicionalmente brancas[6] é que eu percebo fisiologicamente o abandono por trás da *mascarada* de inclusão. Não pensem que eu não enviei emails também pra Malê[7], ou mesmo pr'aquelas que só publicam traduções do Garvey e livros infantis. Eu sou carudo. E tem certos silêncios que valem mais que algumas conversas. Amo aprender.

No caso específico da Pallas, tô há mais de quadrimestre — na escrita desse texto[8] — pendurado na minha última tentativa de contatar a editora. Segue, no pé do texto, em anexo, a troca de emails.

---

[5] Ainda.

[6] Compostas — senão majoritariamente, exclusivamente — por indivíduos brancos. Mas não só elas, como veremos mais à frente.

[7] Que, no momento de finalização dessa nota, estourou o prazo de apreciação e divulgação do próprio concurso de literatura negra, a ser divulgado 20 de Novembro — oportunamente. Até 21 de Dezembro me deixando sem saber se eu mando o manuscrito exclusivo que eu escrevi pra eles pra uma editora branca.

[8] Majoritariamente no celular, nas linhas 373 e J 305, indo e voltando do meu CLT 6-por-1 de salário mínimo, mais comissões, *minus* descontos.

IMAGEM1, *29 de Junho*, de início, demonstro a minha intransigência, enquanto artista, de me deixar soterrar pela inexistência de canais de comunicação; estratégia essa muito manjada por instituições personalistas quando não querem dar papo.

É um flerte: o *ghosting* é por design. Não quero malhar essa pessoa em específico. Ao que eu posso aferir, o redirecionamento é genuíno e muito educado.

IMAGEM2, *5 de Julho*, continua a saga na direção dessa responsável não listada em nenhum outro lugar que na minha insistência[9], explicitando uma série de questões absolutamente relevantes pro assunto em questão. Lembrando, tudo isso se corre após o *reafirmamento* da editora com a luta antirracista.

IMAGEM3, em *20 de Julho*, por fim, eu demonstro uma estratégia útil quando encurralado nos *cul-de-sacs* da burocracia corporativa: volte uma casa. Não sei em que estado mental eu me encontrava nesse momento, mas os problemas de digitação talvez revelem o que ficou represso.

A essa altura a lixeira já girou e a ocupação-de-espaço que meus kilobites possam ter representado nos servidores da Pallas foi silenciada.

Cabe, quanto a essa interação, o argumento muito-plausível de que o trabalho editorial é muito complexo, os emails são muitos, as demandas muito-mais; mas, em contrargumento, o que se pede é uma acusação de recebimento ou confirmação de dados, apenas. O artista é um pardal de migalhas.

Minha primeira crítica: é de-lei automatizar um 'tô de férias' quando seu contato é institucional[10]. Até mesmo num *zap*.

Sabemos o que aconteceu aqui. Uma burocracia melhor lubrificada que essa seria confirmar até os finalmentes e pedir o arquivo, prometendo leitura[11]. Pronto. Não obstante, mais da metade de tudo que eu produzi se encontra justamente nesse limbo sem que eu possa escrever textos, ainda, sobre o que isso possa significar.

Muitas outras editoras se encontram na ponta-seca da minha pena, esperando. Por enquanto só molho na língua.

---

[9] O que configura logo uma barreira burocrática clássica. Se a editora tem o recebimento aberto, como me levou a crer a resposta da primeira senhora, onde se encontra essa informação pro público? É sobre o *in,* é sobre coleguismos e *aqueridamentos*.

[10] Sou duma geração que relutantemente aprendeu a programar respostas automáticas em caixas-de-entrada, uma geração que veio depois dessa e caixas essas, nossas, que sequer são de domínio das empresas às quais trabalhamos. Um mês é tempo hábil de resposta, quando essa resposta é inequívoca e desproblemática. Tem? Tá aberta? Talvez o problema seja eu, não abandono essa possibilidade; mas eu acho que antes de vitórias e comemorações a gente tem que varrer a nossa calçada, digitalmente falando.

[11] Ao que, justo, dou isso a elas, o meu texto em IMAGEM2 pode abrir perguntas do tipo 'quem vai ler?', o que complica, se a resposta for negativa quanto a possibilidade do que eu peço.

É ponto pacífico que, ao falarmos sobre privacidade racial e temáticas delicadas, temos que ter o cuidado de nos fecharmos nos ambientes em que tais ideias são trabalhadas levando em consideração inúmeros acolhimentos e contextualizações possíveis.

Se foram os ingleses que introduziram o chá nO Continente, contribuímos com a colher.

Quando a gente passa pro âmbito da arte, conforme vemos muito, o conforto em *#ocuparespaços* — que é um conceito interessantíssimo pra explorar em outros textos — encontra o confronto *#estrutural* de que o único antirracismo mais aceitável nesses dito-espaços é aquele que se demonstra não intrusivo, límpido, com função social *clara*, transparente: coisas que, espero, não se espere de objetos de arte... Muito turista, pouco morador.

Há um aumento radical em autores negros no Brasil — *sim,* porém — cuja premissa é '*minha vovó*' ou alguma variação do projeto de Ponciá Vicêncio de vinte anos atrás. *Afrorrealismo* já foi cunhado, e, embora eu não seja muito apegado aos termos, me parece muito isso.

Não é difícil ver, também, que a grande maioria dos nossos escritores que vingaram são *entes simpáticos*, que *amam* autógrafos, *amam* receber depoimentos nas DMs com as coisas mais fudidas que um desconhecido pode te falar sobre o que a obra mudou na vidinha dele, participantes *solícitos* de fotos sorridentes, por vezes com fãs[12], particularmente gratos, agradecendo todas as oportunidades, com expressão de gênero feminina ou afeminada — embora não seja de bom tom colorir essa colocação com exemplos —, de preferência numa vibe mais idosa mas, se jovem, jovem do tipo que compartilha essas rabisqueiras de pílulas-poéticas que fazem sucesso entre os mochila-de-escola... Tipos fixos, inofensivados. É o que vende.

E que o grande-cíclico nos perdoe se o sujeito não comprar a mística do 'cheiro do papel' e não tiver uma estante na frente da qual tirar seus *press releases*. Não é no digital que as grandes pagam as contas, bom pra Suzano.

O livro dOs Racionais é um ponto tão fora da curva que eu sequer considero quando eu penso em literatura brasileira contemporânea e o tipo de pessoa que se sente confortável cumprindo as obrigações contratuais de dar as caras na Flip[13]. Vive pra muito além do

---

[12] E positivos, portanto, com relação à ideia de que existam 'fãs' de autores de literatura séria. Nem-tão humildemente discordo.

[13] E, lá, eu podia ler esse *op-ed* cabeça-à-sola na mesa central do palco principal de qualquer merda de assunto que for, e ser aplaudido, e despertar lágrimas sinceras a rolimar de rostos corados, e ser oferecido a garantia de lá até o Galeão de que quando eu voltar — e que é pra eu voltar, por favor, '*necessário*' — as coisas vão ter mudado, que são válidas as minhas críticas, e quem sabe daqui uns oito anos o tema da 'festa' venha a ser esse e eu venha a ser o homenageado; só que eu sei com uma certeza que só se pode ter no escondido do peito de quem mexe muito com crime de que nada disso vale nada e o coeficiente de elasticidade dessa desgraça é infinito. Independente das pancadas, independente de como as tomem com a humildade de quem *só agradece*, o cerne da coisa é indeformável. A Flip ai continuar sendo isso mesmo que

álbum e é um bom contraponto: qualquer coisa menos que isso é Sítio na TV Globinho. Embora todos os vídeos que o Brown ficou de olhos marejados na vida fiquem dando roda na internet como a cinemática duma vulnerabilidade possível, alcançável e almejada, pra que a sua escrita de rinha seja tachada como válida nos círculos mais ilustres. A carne há-de-ser macia.

O rapper chorou: a história da humanização condicional de homens negros e o culto da vulnerabilidade emocional como performance de ocupação coletiva a corpos avulsados. Tá aí um TCC pra quem curte essas coisas.

Acho bonito ser fofo. Juro. Mas no *locus* da produção literária essa não é tanto uma subversão quanto uma segunda-feira.

Não cito nomes por motivos óbvios, mas procurem pelos que falam de 'povo' vezes demais na terceira pessoa mesmo se fazendo dele, mesmo nascidos pobres. Procurem aquela coisa adocicada de tiozão bonzinho, comprador de pipas — no bom sentido — e vovó do bolo-de-chuva, mesmo nos vinte.

A gente não sustenta uma versão negra dum autor inacessível, por razões discutivelmente ancestrais. Não-atoa louvem, no Brasil, a figura do Soyinka[14] enquanto um 'detentor de Nobel' sem haver mais que zero de discussões sobre a obra dele. Galera não monta clubes do livro com Os Intérpretes, embora distribuam cartilhas com a biografia do cara. O negro é difícil e intransigivelmente escolheu continuar difícil no seu segundo romance.

Eu acho que a fixação machadiana também vem um pouco disso: há um permanente e inatingível enegrecimento do ourives por parte da produção contemporânea, que não consegue segurar o mano dentro dos moldes de toda essa bondade de alma e luta chorosa. É como se reticências deixassem de ser um caractere válido no Unicode quando não guardando no colo '*o que não cabe na escrita*'. É quimérico...

E a verdade complexa do fenômeno é simples: esse cara era uma bixa de *ballroom, avant la lettre*, por assim dizer. Nem mais nem menos debochado que todo e qualquer negro que não tem como ganha-pão ser embaixador de diversidade na internet. E enquanto o discurso vigente não achar espaço pra que *ser o caralho-de-asa* seja uma expressão legítima de negritude, a gente tá procurando sinais de rádio em ruído branco.

---

sempre foi, essa micareta sóbria de aspirantes patéticos a subcelebridades de CCBB, isso independe dos convidados. É de dar inveja às festas universitárias. Tem reencenação do *antebellum* com mais contemporaneidade.

[14] Eu acho uma graça quando em 'listas de autores negros famosos' os empolgados, primeiro, citem o Nobel como algum tipo de validação e, não muito depois, o Soyinka como um exemplo de 'negros podem ser autores também, crianças, sonhem como se não houvesse racismo'. Quando, na verdade, ser um autor desse calibre é uma impossibilidade pra qualquer outra pessoa que não ele mesmo. A lógica por trás disso é a mesma de quem quer ser o Neymar quando crescer: é bagulho de fazer pequeninos comerem brócolis. O Soyinka é ímpar de um jeito que ser um negro-escritor só serve pra te revelar a disparidade. E mesmo assim: não fosse ele uma pessoa pública agradabilíssima, o que o é, sobre ele aqui não haveria nem essa *vaia cearense*.

Cabe aqui, até pro apaziguamento do identitarismo digital, afirmar, *pra quem não sabe,* que eu sou viado. E venho procurando os machos-hegemônicos na literatura brasileira desde que tive idade pra isso. Sem sucesso. Talvez *macho* tenha virado um termo guarda-chuva. Sorte a minha não ser fixado com esse lance de profissões. Já deixo avisado que artista-potente não faz meu tipo.

Acho, inclusive, que cabe revermos os espantalhos que estofamos primavera passada.

Sensibilidade e delicadeza são motes bem estabelecidos na cena: o floreado, o pelicoso, o com-licença. O que torna a coisa muito difícil de ser disruptiva[15]. Coisa que já me colocou em muita enrascada quando levando a profissão a sério.

Que reclames atinjam repercussão enquanto 'sintomas de preconceito' antes que narrativas bem-colocadas de crítica possam garfar qualquer obra: é a cena. Que a análise dos índices sistêmicos destruam qualquer possibilidade de argumentação e avanço em termos de arte: é a cena. Os últimos quatro ou cinco parágrafos, com certeza, foram de difícil leitura pra muitos. É uma boa que eu não tenha enquanto projeto de vida viver de arte.

Existe o receio, certeiro, de que qualquer crítica à cena *noir* na literatura brasileira possa ser reapropriada por aí como munição racista: um fato. Não é nem um *talvez,* só *é o que é*. Toda crítica válida é pedrada na mão de branco, intencionalmente ou não. Entendo a preocupação. Nada se desperdiça no colonialismo. Racismo quase que é um dos Rs ecológicos.

Mas esse é um problema reincidente em qualquer sitiado de #*(r)existência*, em todas as áreas, pra grande maioria das profissões que são pagas com prestígio antes de dinheiro, e às quais o dinheiro só segue ao depósito dessa primeira moeda. Ninguém fala nada, e tem-que, mediante isso, sabemos: complacência é morte.

Mormente falemos[16] em *diálogos* e *trocas*, o que se tem são ecos.

Deixamos os *empolgados* dos nossos toparem com pedras porque vivemos — no sentido emocional da parada — através da performance de inocência, nessa coisa insossa de correr sem ver emboscadas. Tem tema de simpósio que me faz chorar de ver os nomes convidados e eu não dou ideia nenhuma sobre nada porque resolver a incógnita de se esses influencers acreditam mesmo naquilo que vendem ou se só tão fazendo uma graninha vai estragar minha semana. Obviamente rezo baixinho pra que seja a alternativa última.

Antes de qualquer coisa, fuga é uma questão estratégica. E estratégias se planam.

---

[15] Não, *amore*, o amor não é revolucionário; revolucionária é a morte do amo.
[16] Não eu, credo.

Cabe a nós, que da turma, que do ramo, levantar o véu dos nossos próprios problemas mesmo sob o risco de desumanização e avacalho das alas confortáveis se se quer — entre nós — que o nosso fazer artístico não seja agrilhoado pelo olhar cobiçoso de quem há tempos não tem coisa pra mostrar. Tanto não têm que investem e inflam produções nossas sem critério algum, já que estabelecer critério é *problemático*.

Ser insubmisso é sobre não se preocupar com óticas, não? Deixar de ser subalterno, até mesmo na literatura, tem a ver com se auto-organizar independentemente das *vibes*, não? Pelo menos é assim que eu gostaria que fosse. Assim disseram os livros sem tradução pro Brasil, ao menos, mas vou me poupar o *pionegrismo* — esse é outro problema gravíssimo que temos.

Meu problema com *sensibilidade, delicadeza, vulnerabilidade,* é que até cachorro. Até gato, apesar de menos. Se mete num sarau pra ver. Chorar, raras excessões, é pra todo fulano que de olhos. A negação desses traços humanos pelo colonialismo engendra numa busca um tanto enviesada por qualidades simplórias e robustas. A gente tem um fraco por derrotismos emocionais que espelham muito o que as loirinhas tavam fazendo no falecido *myspace*.

Que o genocídio seja um processo tão fudidamente traumatizante faz com que tematizemos muito sobre o retorno a uma inocência de condomínio e salas-com-lustres — emocionalmente falando. Só na literatura temos o movimento oposto e complementar aos boys *pagando-de-pá*.

Tem muito adulto aí se segurando com ilustrados de PNLE. '*Minha filha vendo*', '*meu filho descobrindo*', 'minha sobrinha chorou quando' mas é ocê. Fico feliz demais pelas crias, tudo pra elas, mas não ignoro essa câmera tremendo. *Cê* tá se identificando com uma simplicidade, mesmo que bonita.

Cê que queria ser sereia, sempre quis. Criança hoje-em-dia quer ser holograma. É só se assumir.

Sim, é cansativo ser forte, mas é útil. Tem lugar que merece passar por quebradeira mesmo. Adultada. Braço-de-feira. O esteriótipo de perigo não é todo esse peso não, e se for é bom. Vira enchimento de meia. E numa boa.

A literatura brasileira contemporânea tá pedindo esmago fazem décadas, mas quem entrou não quis dar.

Segura minha bolsa.

Então vou debulhar um pouco do meu milho pra avolumar esse fubá: há tempos não aguento o barulho de madeira na madeira.

Não é de hoje que o ressentimento é uma lente útil, e tem quem faça de bandeira que a vivência de uma pessoa é um conhecimento inalienável. É com cês-mesmo que eu falo. Eis minha perspectiva sobre o mercado editorial no Brasil.

A primeira coisa a se notar é que todo o capital humano[17] da literatura foi colocado na cesta-única do Instagram e do Account-Based Marketing (doravante ABM). Quem já publicou com editoras independentes sabe: eles te falam pra investir no seu perfil 'profissional', pra agregar valor ao seu *produto* (a obra) com a *produção de conteúdos de qualidade* que *afunilem o perfil de cliente ideal* (ICP) e o converta *em vendas reais* pro seu negócio *de alto ticket médio*.

Lógico que não falam assim, seria abrir o jogo.

Todo ímpeto artístico se resume a MKT Digital e em formas de fechar a discrepância entre a sua inabilidade de se vender, aferida enquanto defeito, e a necessidade de que se venda — porque 'a arte tem que viver' e *sonhos* têm 'que sair da gaveta'.

Toda falha bem-intencionada é um *quirk* de personalização da campanha. Se eu ganhar dez reais pra cada *reel* de 'primeiro livro' em que a moldura temática é 'não tô acostumado com isso' eu já tinha pago assessoria literária.

Todo autor ou poeta — principalmente quando poeta — é um *microempresário* nesse sistema. Há quem, inclusive, encontre a coragem de se assumir como tal.

O que não é culpa das editoras independentes, não me leiam errado. O problema é muito menos grácil que os emails que eu recebo, e é o seguinte: os últimos dez anos de *app*ficação do trabalho — ou qualquer outro termo que o Carta usar nessa semana porque alguém escreveu uma tese nova sobre isso — geraram uma demanda artificialmente inflada pra 'produtos' etéreos e 'conteúdos' virais. Não é do interesse do *Meta* ou da *ByteDance* dissuadir os intelectuais-orgânicos da convicção mais-que-manjada de que dançar pra câmera de selfie dá uma dinheirama: não dá.

É um ramo de escolhidos sustentado majoritariamente por *whales* que querem ser escolhidos e pagam caro por cursos e eventos que reinstaurem a esperança de que poderão um dia vir a ser. As análises que afirmam coisas como 'democratização' e 'acesso' só fazem contribuir pro influxo de fulanos.

A relação de malandros pra otários que saem de casa tem que ser pra muito mais de um pra cem pra sustentar uma arte.

---

[17] À publicidade o que é de publicidade — e infelizmente somos.

Nem é o futuro do trabalho. Menos que isso, é uma renda complementar. Agora toda profissão IRL existe simultaneamente enquanto renda-fixa e a possibilidade (*low risk*[18]) de ganhar alguma coisa na dupla-jornada de gravar o processo. Se cê é pedreiro e não grava um Kwai do arremete nos rejuntes a burrice é *sua*. Grande maioria dos influencers *per-se* por aí são Ubers de primeiros-lotes ainda, ou seja: cambistas. Lembra quando ferraram com as cooperativas de taxi? Parte do produto é a própria plataforma.

'Conteúdo' é o *nome-fofura* que a gente dá pra esse tipo distendido e imensurável de labor pra se dissociar do fato de que às vezes o trabalho que paga a comida não faz sentido ou o nome que ele tinha dez anos atrás não é de prestígio.

Nisso cá estamos hoje e todo mundo quer meter uma *renda passiva*. 'Renda passiva', enquanto conceito, merece muita prosa. Não de hoje, propriedades intelectuais são a renda passiva *par excellence* e a escrita é o *grift* mais manjado de todos os tempos. Escritores sérios, desde os primórdios do carimbo-de-letrinha, têm que bater ombro com filhadaputagem. Recomendo Isaías Caminha ou Ilusões Perdidas sobre o tema, se um escritor puder sugerir leituras sem ser visto como abastado.

As piadas sobre a dêixis de 'auto-' em autoajuda são mais velhas que eu. Transformar 'conteúdo' em livro é o *low-risk* dos *low-risks*, principalmente se se tem as redes sociais como captação de público. Bagulho que até youtubers da *era-vlog* fizeram. 'Livro', nesse sentido, tem o mesmo índice semântico que '*masterclass*', '*certificação*', '*curso*', '*aula*', '*método que antes era reservado só aos atletas olímpicos*'...

Quando ser escritor é um negócio B2C (entre servidor/empresa e cliente) o lacinho em volta do *conteúdo* é sobre sonhos e 'chegar lá'. Também, em nível de *media kit*, as editoras, mandam diversificar abordagens, como: mandar emails, cartas, zaps, boca-a-boca, panfletos em bibliotecas, malabares em praça, showmícios em currais eleitorais &c. Mas isso tudo não é sobre desmonopolizar a divulgação ou desengajar a arte da burocracia das vendas, não: é que no um-a-um cê se garante mais enquanto vendedor, é o que os caras chamam de '*lead conversation*'. Telemarketing clássico. Conversas de mesinha de assinatura é o mais puro do *rapport*. O constrangimento, mesmo que suave e não dito, é um ótimo lojista.

No entanto, se o escritor for um microempresário mesmo — que se respeita como tal — suas vendas são, mais vezes que nunca, B2B (quando o cliente é ele-mesmo outro negócio). Daí o *networking*, o '*ir na FLIP*', o '*conhecer os colegas da casa*'. Até aqui não é uma crítica: faz sentido que escritores escrevam pra si mesmos na falta de um público. Não existe *ICP* mais I que seus pares.

A coisa complica quando, inevitavelmente, ser um 'escritor pra escritores' se abre enquanto viabilidade comercial. Não é surpresa nenhuma que, quando na precisância de um emprego, especialistas de uma área migrem pro MKT e passem a direcionar anúncios

---

[18] Se o *cringe* não for um fator impeditivo.

pra onde saíram. Quantos 'escritores' te apareceram só hoje como posts-pagos te falando que podem te ensinar a vender o seu livro? Não vou nem comentar sobre o algorítimo que é pra não me dar má sorte. A feiura habita em termos que fingir que isso é uma coisa que isso não é. Mas me retenho quanto a esse assunto.

Que a acepção de literatura pelo público, enquanto fruição artística, não seja em nada diferenciável de um *ghostwriter* ensinando macho a lavar a piroca antes de encontro (*com mulher*) numa revistinha que não serve nem pros propósitos de limpar a bunda num aperto, é só a conclusão lógica da disposição do mercado.

Autores profissionais que não querem — ou não podem, ou não precisam — fazer a imagem do seresteiro de sarais vão se parear às grandes editoras com equipes equipadas pra preparar esse material como um trabalho *delas*, já que o lucro proporcional intui que assumam controle da imagem do livro. No Brasil, as carreiras sérias só começam com o apadrinhamento internacional das subsidiárias, aqui, de literatura.

Por sua vez, essas editoras financiam os leitores-pagos — única espécie de leitor em Pouco Preocupante na lista da IUCN — a produzirem o 'conteúdo' que transforma a obra em *substância tangível* pro público, esse animal *cronicamente desinteressado*.

A coisa é fechadinha: eles têm uma equipe responsável pelo PR e o treinamento dos jovens que tomam conta do insta; um ou dois *social-medias* que vão ver as DMs e compartilhar os stories marcando a marca, dois ou três *copys* pros posts normais — incluindo revisão de texto[19] e eventuais notas de repúdio —, um designer efetivado e sua pajeada de estagiários &c. Dia das Mulheres, Dia da Mulher Afrocaribenha/latina, Aniversário de Morte de [insira anticapitalista X ou Y] com cupões de desconto. É tenebroso mas é normal.

Quando independente, ou publicando com editoras independentes — o que é quase a mesma coisa —, o autor tem que incorporar todos os papéis. Justo, é dado a ele o aval do amadorismo, pelo menos no que diz respeito ao uso do Canva. Mas as expectativas formais são as mesmas. Pior: sendo o perfil pessoal agora um perfil profissional — porque aglutinar as duas coisas é melhor *pro engajamento* e reaproveitamento de seguidores 'reais' —, é esperado que o autor corporativize os seus gestos nas redes sociais.

Que o Threads seja um LinkedIn, e não um Twitter, diz sobre isso.

ABM personalista *é sobre*: oferecer customização por meio da Genuinidade®, gerar *leads* tão amplos quanto o espirro duma carabina velha mas específicos o suficiente pra render uma quantidade suave de 'necessário, miga' nos comentários. Ser uma pessoa normal, mas nem tanto. Ser um profissional, mas nem tanto. Postar com regularidade, mas nem tanto.

---

[19] Porque apesar de conversinhas fiadas sobre preconceito linguístico, pasqualetes têm a primazia das revisões e servir de apoio a vestibulandos escreverem redações de ENEM com '*português correto*' e mais de oitocentos pontos é mais importante do que qualquer forma de autonomia linguística. Esse povo não tem culhão. E não pense que não, galerinha Paulo Freire são os maiores ofensores.

Ter opiniões sobre e emitir pareceres, desde que não saia muito do que é esperado. Ser grato: aí sem limites.

A isso temos também agregada a ideia de que o artista é um sujeito especialmente equipado pra dar conta da terceirização de maturidade emocional que rola online. 'Sentir em grupo' é um nicho substancial pros pequenos artistas. *Fada-sensatismo* vende demais.

'Vou te superei', 'Minha autoestima de mim', 'No campo florido dos Afetos' e 'Sou só Frida' enquanto *genē* poéticos, em suas inúmeras variações — não excluindo as visuais; não excluindo iterações irônicas — são o que há em termos de consumo de arte pra muita gente aí — até mesmo, e surpreendentemente, quem com mais de quatorze anos. Racialmente, palavras como 'dengo' e 'corpo' marcam o tesouro.

A gente vive, também, num universo pós-Kindle Unlimited e pós-Audible, nas ruínas do grande *boom* de títulos como '[coisa] Descomplicad[a/o]', '[assunto] Para Idiotas', 'Manual de [tema]', 'Minimanual de [problema irresumível]', 'Guia Xavascoso de [matéria de escola]'. A busca por leituras de conforto e não-ficção bobinha se sofisticou pra além dessas convenções ultrapassadas pra encontrar a produção artística no meio do caminho. Esta, se simplificou pra não parecer muito entojada ou que tem vergonha das suas origens humildes.

Os best-sellers continuam sendo a mesma coisa que sempre foram. Contudo, na reverberação do bolsonarismo, a figura do empresário-monge virou *persona-non-grata*. Portanto temos aqui no esquerdismo-amplo uma cartela exclusiva de novos modelos pra flanderização.

Toda conversinha racializada de senhoras bem-intencionadas sobre 'não é chegar lá, é chegar junto' é não mais que uma mentira repetida pra dentro por quem não quer arcar com a dimensão imensamente individualista do sucesso comercial. No fim das contas a gente tá lidando com um sistema competitivo e excludente — não pela boa-vontade ou falta-de, mas por questões numérico-mercadológicas, pelos interesses comerciais das plataformas que lucram com o quão capazes são os nossos conteúdos, enquanto isca, em reter olhos pras propagandas que vêm antes e depois.

Não existe alternância de poderes entre os desapoderados. Não existe inclusão possível: senão a que vende. E isso não pela lógica militante[20], mas *a das verdes* e onde vinga plantar investimento. Essa crítica, enquanto crítica, é das idosas. Mas respeitemos a senioridade.

Se finge muito mal no nosso ramo que é possível fazer *a boa* sem vender uma alma e meia pro capeta. Já tô devendo duas, juros e mora.

Chamar novos nomes pra entrar é impensável, visto que o trabalho de cultivar uma audiência tem como implícito a permanência dela, a estase dela, a sua conservação

[20] Sendo ela, aliás, um das primeiras a se deixar comprar.

enquanto nicho de vendas. Ter que reconquistar leitores pela transformação estética e receptiva que são os *verdadeiros* acontecimentos literários é roubar aposentadorias.

Correr atrás, acossar, noites sem dormir, queimar sobriedades de cigarro, abraçar doenças degenerativas, são coisas que só cabem aos amadores. Essas tuberculoses são alimentadas pela estética de sofrimento que nasce da falta de acesso e apontam pro corre de que, *Deus quiser, quem saberá quando, um dia vai ser o dia*... Nosso sonho é sermos tão artisticamente preguiçosos e estagnados quanto nossos ídolos.

Porque, reitero, escrever é visto como um um negócio *low-risk, low-barrier, ABM-based*, pra fofinhos e fofinhas e fofinhes que vão vender os seus contatos sociais pro lucro de gráficas que contratam editoras — nessa ordem — com descontos de impressão. Só os grandes escapam desse *grime,* isso porque escaparam da arte por completo.

Que alguns romantizem isso com 'sempre sonhei em' e 'melhor profissão do mundo' só é mais um índice de tristeza pra quem tem as ferramentas pra decodificar cordialidades.

É de total interesse pro mercado reproduzir as micronarrativas de jornadas, conquistas individuais e realizações coletivas porque numa análise estritamente financeira vale a pena sustentar perdas pontuais na busca por um livro vendável. Os fracassos existem tão-somente numericamente pra esse sistema, e mesmo os fracassados são solícitos em se autopromover.

Galera coleciona tentativas de se fazer alguém no mercado editorial com a mesma ternura que as primeiras fotos de cabelo grande e armado.

E a essa altura existem mais coletivos do que pessoas dentro deles, promovendo autores emergentes pra ninguém senão outros autores emergentes esperando a vez de serem promovidos. Não duvido. Ninguém tem engajamento sobrando pra dividir porque, pra começo de conversa, ninguém tem engajamento o suficiente.

Ninguém tá berrando desespero nenhum porque escancarar a profissão no seu mais rasgado é fazer colega de pena passar mal — *o,* o poeta chora! —, e a gente não pode correr o risco de alienar o nosso único público. A ver: nosso mercado. Também não há estrutura nenhuma em funcionamento no momento pro acolhimento psiquiátrico de quem faz 'poesia de cura' quando quem faz 'poesia de cura' entender a materialidade do próprio placebo.

A arte não anda salvando nem meu uso de crédito-especial. Só tá tranquilo quem tem qualquer outra fonte de renda: o resto é só sintoma.

Pessoalmente, eu esperava da minha turma um conhecimento mais acirrado quanto ao que é ou não é trabalho nas redes sociais. A palavra trabalho já vem carregada de plurivalência na cultura afrobrasileira. Mas não. É uma galera que 'sonha'. E o engajamento é aglutinado nas páginas das editoras que, afinal, detêm as divulgações, mesmo que só

em nome as façam. Peço o exercício mental de analisarem o que é, de fato, e como se caracteriza, um engajamento[21].

De novo: não é uma crítica, necessariamente. Não é por *escolha* que editoras independentes não consigam vender livros pro público-real cativo na página delas, ou impulsionar os autores que elas publicam. As editoras, também, são B2B.

Elas vendem a possibilidade de publicação pra malta toda a que publicar seria um orgulho pra vovozinha. É um serviço; *o serviço,* antes de qualquer outra coisa. É o método com o qual elas conseguem ficar de portas abertas, afinal. É um exército de reserva. Fôdasse nós.

'Amar fazer arte' é *cope* pra se perceber 'fazendo por amor'. Até porque a maioria dos escritores no Brasil sequer sabem que existe um Sindicato.

'*Comunidade*' é a capinha-arco-íris que a gente bota no Motorola de *ter* que fazer jabá numa carreira que, historicamente, é composta de pessoas sozinhas; bem tranquilas quanto a isso. Tradição oral é teatro, não literatura; bibliografia abunda.

Tem negro chegando longe demais fingindo que inventou ontem o que o TEN vem fazendo há mais de cinquenta anos.

Independente da sua predileção, opinião ou epistemologia-não-branca, escrever é uma arte solitária. Existem outras fruições pra quem curte *galera*, não menos prestigiosas. Tanto que faz quase meia década que o Docs do Google pode ser editado simultaneamente por várias pessoas e nem por isso o romance da nossa década é um esforço coletivo.

Que o nosso lado da indústria trabalhe tão forte com sociabilidade em um gênero artístico textual, é meio-que um problema de cobiçância[22].

Essa coisa de recitar poema se chama performance, uma paradinha separada, ao seu próprio mérito, e com a qual eu, não fossem os 'incentivos', não teria que me envolver. Tem quem goste, aliás. Alguns poucos eu até gosto de ouvir. Mas a regra é geral: *tem que*.

Muito *griot* pra pouco *escriba*. Aliás: aqueridamento enquanto subversão da mediocridade branca na arte é um engodo. Eles também são muito coletivos, afetuosos. Eles também têm essa tecnologia ancestral, na cultura deles chama: vou chamar meus amigos.

Não é sobre 'meritocracia' tampouco, não é sobre eu falando que porque eu sou bom eu merecia muito mais. É sobre o direito à antipatia.

---

[21] E a temperança de tentar datar esse fenômeno sem fazer um puxadinho na história antiga.

[22] Pelo prestígio literário, no caso. Um bagulho que não vale absolutamente nada pra ninguém com brio, mas é o que acompanha esse casamento de 'cultura oral' que pode ser qualquer coisa, como sempre foi, cênicas, slam, arte figurativa, esculturas abstracionistas, têxteis, album de trap, o que quer que a gente fazia antes de que querer impressionar catedráticos fosse lavrado como válido.

Por nada além de que em 2018 o Instagram pivotou pra vídeo, não por nenhum argumento estético-filosófico banto/yoruba: *tem que ser simpático*. E galera engole como se coçasse as gengivas.

É isso que se tem que prestar atenção quando se mora, vive e trabalha de internet. Vez-em-quando cê esquece que paga aluguel. E quando se fala em '*ocupar espaços*': o termo 'ocupação' não tem o mesmo sentido que pro — só de exemplo — MST. Temos trabalhado com posses simbólicas, apenas.

Se tem uma coisa que os Barnabés literários nunca falam é sobre cláusulas contratuais.

Eu preciso de atenção e seriedade nesse parágrafo aqui. A verdade é que 'literatura é isso' e 'literetura é aquilo' não cola mais[23], e por motivos óbvios. Já-morreu a era dos cagarregras. Não é do meu interesse, de forma alguma, estabelecer tratados sobre a normativa de um novo cânone. Morte ao cânone; qualquer um.

O meu ponto aqui é analisar o que a literatura anda sendo em relação ao nem-sequer deontológico ou pragmático do que é o trabalho de digitar letras num material que as guarde e os mecanismos pelos quais reproduzimos esse símile. Meu objetivo é, literalmente, falar sobre tudo que é MKT ao redor das figuras do escritor, do público e da obra. Eu não tenho problema nenhum com nenhuma escolha moral e/ou ética com o fazer literário de ninguém desde que a publicidade não seja seu aporte. Respeito demais poetas condoristas e vagabundos, quando mal pagos. Sou a favor de a*r*tivismos que não se apresentam como possibilidade de arte comercial.

O drama é que, maioria das vezes, tal como tamos hoje, assim o é: ABM. Fomos engolidos. Ignorar essa materialidade[24] é esquecer a úvula da baleia. Digeridos ou não, assim que ela submergir, nós morremos.

Ainda sobre regras e cagões: o poder nunca é um espaço vazio quando o cedemos. Leniência não é liberdade. Deixar qualquer otário pegar no *mic* é arrastar o movimento.

---

[23] Exceto se literatura for dita como bondades múltiplas, todos-podem, aí a definição é liberada. Muito-porque, assumindo esse tom incentivador de tia-das-gincanas, o escritor não tanto define parâmetros quanto elimina qualquer crivo. Sim, todo mundo é criativo. Sim, todo mundo tem o direito inalienável de se expressar. Sim, eu tive que ler Cândido no meu primeiro período. Se esse conto aí é alguma coisa, é o que eu não sei.

[24] Não me escapa e nem é desproposital meu uso exaustivo dessa palavra ao longo desse texto.

Nisso, repare: muito do que vinga enquanto produção literária tem a ver com retomar estéticas exclusivadas ao intelectualismo branco, como o retorno a *mediums* ultrapassados de produção de texto, caligrafia, máquinas-de-escrever[25], sacolas de papel, moleskines com colantes &c. No nicho *frases-e-versos* ganha quem conseguir intuir no comprador uma encadernação de couro minimalista pelos templates prontos do ShortCut.

Coisas graváveis, penduráveis, exposíveis, com frete grátis, bonitas pra curiosidade de quem não fraga que noventa porcento do nosso *jobs* é olhar pra um ponto-doc-x de luz azulada e nauseabunda sentindo o cheiro de todos os dias que nos depositamos nesse mesmo lugar ser reativado com água.

O mercado literário foi tomado por quem nem faz ideia de que *a parada mais profissional do mundo nesse mundo* é achar um *add-on* grátis pra meter, por favor, eu imploro — sem cookies ou rastreamento —, um modo-noturno nessa desgraça.

Não tem *glamour*: otimizar escrita é, justamente, largar frufru. O bagulho é fita de *prompt de comando* pra baixo. Duas telas, teclado mecânico, encosto ajustável. Cabou.

Cada um dá seu jeito, *a cada fruta o seu sabor*, mas o profissional da coisa, de base, é isso. Não tem muito o que inventar.

Ter que bater uma A4 inteira desde o começo porque eu quero colocar alguma coisa a mais entre um parágrafo e outro é inviável pra mim. Não aguento mais ver máquinas de escrever na TL, apesar de não ser inocente eu mesmo. A única mágica que acontece no 'processo de escrita' é o salvamento automático; musas e santos só olham, alheios.

A romantização da escrita é ovo-e-galinha da prevalência do amadorismo. A gente tá sitiado por quem acha que se-faz em papelaria. Nunca fomos neurotípicos, mas nunca antes nossa neurodiversidade precisou de tanto plástico.

Não vou entrar em miúdos com teoria da recepção porque morro de nojo de citação francesa, mas tem alguma coisa errada por esses lados aí.

Aquele verso que seu amigo lascou num bloquinho-espiral com uma caneta tinteiro[26] no quente das manifestações[27] vai continuar um lixo até ele se encarar contra o reflexo duma escrivaninha barata de tampão de vidro. Quem lê muito em público uma parada, cê sabe.

Cê sabe quem acha que escrever é *leras massa de dahora pra caralho pow* pela qualidade do lavrado. Quando eram só brancos de boina protagonizando sarais era mais fácil falar isso. A gente falava: *cê manja Allan Ginsberg?* Risadas.

---

[25] E nem das elétricas, pra se ver. Cê sabe que desvirtuaram um ganha-pão quando o insalubre da coisa serve propósitos estéticos.
[26] 'Que bonitinho. Muito obrigada, viu. Então, Mariana, com esse poema a gente volta para o estúdio.'
[27] Independente de quais tenham sido.

Hoje é diferente. Hajam jiboias, dracaenas, pré-montados na parede do quarto e Sol-das-quatro, hajam mesas no meridiano dum cômodo pra pegar de enquadro a estante nos stories. Como se, antes do teclado do Positivão morrer com o A ou o espaço, antes do mousepad ficar todo engordurado de fricção, o bruto da edição não fosse feito a colo. Os nossos poetas jovens e negros são meio abobados com essa coisa de estética artística e expectante.

É, sim, no fim das contas, sobre não perder a ternura, e assim se mostrar tenro pro público; mas ainda assim são pedaços da nossa carne nessa fruteira de brechó. É uma lógica comercial, independente dos caminhos tortuosos à tal.

É sobre 'sim, posso ser poeta', quando ninguém te perguntou nada. Quando sempre fomos, sempre, e não tem nada especial nisso.

Se conversa muito sobre a ótica supremacista que torna qualquer negro que se posiciona assertivamente em vilão, mas muito pouco sobre a pressão subreptícia de ser mocinho. A gente tem que tomar cuidado com cachinhos. Pra além de construir a *possibilidade-de-ser-possível um posicionamento mais enérgico da nossa parte,* que de artes: não nos contemplamos com uma humanidade inteira, suada, calhorda, recém-desperta e com a boca cheirando a cabide.

É sobre *afetos*, sempre, até quando é pra ser sobre desgraçar a fuça dum filho-da-desgraça qualquer. É sobre *o público* mesmo quando o assentamento do escritor é, mor das vezes, a almofada, plástica, da *privada*.

Todo mundo da cena literária se finge de MC, se tinge, se passa por '*ruas*', todo mundo é '*inspirado no hip-hop*' — *lógico, porque a influência negra e da cultura periférica...* — até levar uma *diss-track* no braço ou ser ameaçado de morte por um textualizador rival. Aí é sobre o artigo da fulana. Aí é sobre o conceito de amor pela... Aí é listas-de-leitura.

Ameaçado? Impensável. Só de criticar aquele livro lá a gente tá cometendo perjúrio. Deixa quieto.

Rival? É inafiançável que um escritor negro no Brasil não goste de outro escritor negro no Brasil, sequer da obra; ao menos em público. Fecho muitas portas na coragem de colocar essa percepção aqui em linguagem. Se convencionou que textos são vivências e quanto a isso a coisa fica pendurada no personalismo.

Texto e autor são coisa-uma e técnica-bruta é só uma microviolência. Que a negritude não seja uma catedral ou que o negro não seja um monolito, na literatura enquanto mercado: *o é*.

A impressão que se tem é a de que qualquer crítica à produção alheia é o mesmo que ir pra Inhotim e falar que o filho faria; essa discussão de aula de artes do ensino médio. Como se pela maleabilidade do contemporâneo só figuras conservadoras é que teriam o

mal-tom de cercear a livre expressão da alma do autor. *É a alma do autor,* oras. É a sua policonsciência.

É seu direito natural e inalienável ser meio ruinzinho mesmo.

A desumanização real tem de brinde uma metafórica. É uma gafe achar que é uma profissão aquilo ao qual nos profissionalizamos a fazer e pela qual nos fazemos *commoditie*s ao mundo.

Lembra que livros são coisas que, antes de qualquer outra coisa, se *vendem*? Não — dizem — são receptáculos das memórias...

Todo mundo aqui é '*inspirado no hip-hop*' até alguém tirar o seu flow, até meterem um *sample maneiroso*, como se não fosse parte da cultura. Como se pesos-e-balanças não fossem os pré-requisitos pra que expressões populares legítimas não virem bagunça. Pesquise a historicidade da ideia do termo norteamericano GOAT e verá o que é que é *infight*. Tudo no mais-conforme da nossa herança.

Literatura não é uma expressão popular, apesar de fingirem. Pra confirmar é só conferir o estado em que a gente tá.

A nossa produção é refém das políticas de boa-imagem que encarceram a possibilidade de avanço no já-dito de estéticas idôneas. Senão pelo posicionamento 'sensato' das criaturas *fae-aladas* do influenciamento digital, nada. Isso é vendas. Tudo é incrementalismo de análise de mercado.

Todo ímpeto de cortar os elos entre a nossa produção literária e as sensibilidades do público metafórico de Wakanda é visto como um ataque ao generacional do analfabetismo sistêmico. Pouca coisa além do populismo mais condescendente passa na peneira do boca-a-boca dos carrosséis de Instagram. Aí depois vêm de papo sobre a complexidade infinita dos hieróglifos.

Ninguém quer comprar meia-briga. Ninguém quer balisar a possibilidade dum produtor cultural que não precise pedir bença pra todo e qualquer banco *[sic]* que chacoalhe um trocado na frente duma organização de festival. É soberba não abrir o corpo pra enrascadas. Não se meter em comedelas é lido como negligenciar espaços ocupáveis.

E, aliás, quase ninguém que fala das notas tem as notas e todas as participações honrosas em simpósios e feiras são bem-pagas, de-óbvio. É o *couvert*.

Não é sobre malhar os autores que, no íntimo de suas liberdades individuais, adoram um patrocínio de empresas que perigam serem pegas infringindo direitos humanos e trabalhistas. Eu nunca. Não é sobre *eu vir aqui* com uma relação de quais figuras 'representativas' tão *somando* com firma que desumaniza os trabalhadores tercerizados

negros que contrata no quadrilátero ferrífero[28]. Eu nem preciso. Tá aí. É pauta nossa, inclusive, quando em pagodes. Quando em espaços privados: comentamos *e muito*.

É sobre os parâmetros da indústria, só. Comento, e com cautela, sobre o bambeio e o calço.

O mínimo que eu quero pra mim é a possibilidade de fazer o meu trabalho sem ter que fazer a mesma coisa. Eu quero comprar a puerícia[29] de fingir que eu acredito ou qualquer dia acreditei que essa merda não é só pra *groupie*. Eu fico pensando nisso, não pense que não. A cabeça pesa demais quando, me calando pra absurdos, a gente sequer tem espaço no mercado pra meter nossas ondas mesmo e fingir que nem tá nem vendo.

Na mesma medida em que eu não tenho nada contra escritores que começaram suas carreiras como figuras públicas, desde que a relação entre as duas coisas não seja um atalho[30]. *Faz seu toddy*, sorte sua. O que eu não quero é ser obrigado a me tornar figura pública ou *influencer* ou *public speaker* ou representatividade ou liderança ou documentário de youtube por trabalhar com literatura, porque é uma expectativa que estabeleceram com jurisprudência.

Isso é desvio-de-função, amores. Escreveram *auxiliar* em alguma coisa que eu assinei, só pode.

Representatividade numa coisa que eu não desejo nem pra barata troncha de verão? Me poupem[31]. Eu não tenho nenhum conselho pra quem tá começando além de: não dá.

Seria interessante pra todos os envolvidos com o meu *fato literário* que eu já tivesse um público. É interessante que, na minha 'territorialidade' enquanto *nome,* eu cultive um — custe o que custar. Obra é quase um acidente de percurso.

É isso que a gente tá fazendo: *trazendo pro mercado*. Já não é nem mais como farsa. A imagem do autor que vem com nada nos bolsos além do mérito literário é análoga aos esportes radicais nos comerciais de alistamento do Exército Brasileiro. Sem risadinha[32].

Tudo com aval. Tem muito milionário por aí gritando 'comam os ricos' na certeza de que, na fome, a mão só pega o que alcança. Daí tantas festas afrocentradas.

---

[28] Esse é tão-somente um exemplo ficcional. Tô tirando o meu da reta.

[29] Porque, também, é tudo sobre a criança interior.

[30] Mas é. É na geladeirona das caixas-de-entrada de todos os emails em CCO que eu consegui juntar de informações publicamente disponíveis sobre a editora, é que eu percebo a falta que me faz escrever *cards* e *posts* sobre não ser bem-vindo na Europa.

[31] Se a teleologia representativa pagasse dividendos, o artista negro não precisaria ser grato pela '*oportunidade*' de fazer arte ou de '*representar*' alguma coisa na ampla-concorrência do moche artístico. Fosse a representatividade sobre *disputa de poder, o artista* não precisaria esgarçar um sorriso de menestrel pro próprio público pra ser aceito como tal.

[32] Eu precisei ser descomunalmente bom em literatura, trabalhar por fora e trançar dedo na fuça de muito otário pra chegar onde eu cheguei. E esse 'onde eu cheguei' é, com toda a sobriedade, bosta-nenhuma. É desumano, aí de verdade, esperar mais que isso. Modéstia à parte, orgulho também: sou fora-da-curva.

E a verdade é que todo mundo sabe disso. Tudo no sigilo.

Pra que não fique um não-dito sequer quanto ao porque que eu tô 'usando a minha plataforma' pra malhar a cena literária *neigra* quando é patente que a presença de uma cena negra ainda é temerária[33] — dizem[34] — e o foco 'deveria ser' denunciar o racismo estrutural, *caput*: eu não quero migrar pra espaços brancos pra ser o RH dessa galera ou me especializar em pessoas brancas ou despender meu tempo sendo jesuíta reverso nessa merda; não vou comprar meu incômodo como exclusão e morgar na fita erradíssima do tipo de pardola que fica na pira umbilical de que 'não encaixa'.

Crítica é foco. Senão nos Casas Guetos da-vida fugindo de narrativas plurais e passando muita raiva, eu não tô em rodinha nenhuma. Senão tentando seguir mais um blogueiro de masculinidades negras, contra meu melhor juízo, meu empenho é desperdiçado.

Tô sim, e muito bem — provem que não —, escolhendo minhas lutas. Não tolero baderna onde eu moro.

---

[33] O que é discutível em se tratando de estratégias de mercado. Assim fosse, não seria tão prevalente a existência de chamadas temáticas por editoras independentes, das quais fiz parte. Há uma pesquisa de mercado por trás de toda e qualquer bondade. Chego a achar fofo quem não fraga isso ainda.

[34] Ainda: aqui há um falso paradoxo. Se existem poucos autores negros, propostas afrocentradas de curadoria e divulgação são fáceis, apesar de improfitáveis. Se são muitos, cadê? Se são muitos, qual a dificuldade da triagem?

Nisso, há-de-se ver, não faço o perfil, tem que ser dito, pra esperar os emails virem até mim. Não vêm.

O meu livro não é sobre minha tia-avó na roça, não é Estudos Clássicos via Grada Kilomba, não é Sobonfu Somé aplicada ao Tinder. Nenhum dos meus livros jamais foi e jamais vão ser. Os processos trabalhados em Gesta Parda são bizarros demais pra comportarem univocamente 'um olhar feminino' ou uma 'masculinidade sensível', o que quer que ambos esses filtros venham a significar.

Quando até o Chat GPT consegue montar dissidências passáveis — só pedir — é que alguém, um dia, vai ter que revisar a viabilidade desses conceitos. A acessibilidade e o potencial de divulgação enquanto positivos *a priori* e dispositivos de ancestralidade devem ser questionados em caráter emergencial.

Minha página no instagram[35] não é pra descobrir agora um livro que a bell hooks escreveu quando eu ainda cagava em fralda, sem link pra baixar de graça, sem um pio sequer sobre a única *democratização do acesso* possível ser a pirataria.

Eu quero que se fodam '"*safespaces*" *que* "*plataformam*" "*diálogos*"' com racistas remissos.

Saúde mental negra é defender o SUS. Defender o SUS é aterrorizar o CAPS e ler atas e portais de transparência até o fim dos tempos. Qualquer coisa fora do materialmente circunscrito ao acesso à clinica é herbalismo, mas não no sentido *afaraka* do termo.

Carinho só é uma categoria política quando a gente tá organizado o suficiente e tem a verba necessária pra eliminar insegurança financeira enquanto fator perturbatório. Qualquer *hotep* que se preze sabe disso.

Cês tão de brisa, né possível[36].

[35] Que é pessoal e hora nenhuma exclusiva à divulgação dos meus livros.

[36] A falência da defesa da saúde pública enquanto alocação de verbas e trabalho burocrático em nome do bem estar do brasileiro se manifesta *sub rosa* na defesa de curas literárias, artes salvadoras, acolhimentos-sensíveis e obras alopáticas. Falta medicina familiar pra galera que fica nessa de achar que rimar verbos da mesma conjugação é de alguma forma algo que substancialmente interfira na nossa expectativa de vida. A função do artista, hoje, é, portanto — miga, eu fiz as contas —, suprir as faltas dum estado apolítico, indiscutível e indisputável. Tem qualquer coisa de lulopetismo nisso, mas nem comento. A gente, que de artes, já vem sendo a terceira-via-e-meia pra quem não é fascistola e não tem falta de pixação ruim sobre a salvação dos hobbies que corroborem com isso. A falência do aquilombamento digital, da construção de organizações civis não governamentais que garantam — e , nisso, garantam *mesmo* — a seguridade social de artistas negros se manifesta explicitamente na postura compensatória da arte 'social', identitária e engajada de palavras-de-marca e fraseologias *faux*-africanizadas, como ubuntu e artivismo. Nosso sucateamento e escanteio tem que ser visto como um sacrifício martirioso pra que os nossos *sensíveis* não comecem a idear confrontamentos com a realidade. Imaginem as manchetes, nem todos os negros são iguais estatisticamente. A função do artista é, portanto — numa soma fechadinha —, fingir que a arte é contato e intercessão e potência-revolucionária, é escurecer os lumes do liberalismo contemporâneo pra caber no sombreado dos sonhos de quem vê essa merda como um plano de carreira viável — apesar de nunca ter sido, de não ser, ainda, e não há perspectiva material de que venha a ser —, pra além de um privilégio condoreirista e canoro de tocar os coraçõezinhos dos necessitados, coitados. Lógico, o morador de

Eu não tenho receio nenhum de soar rancoroso mesmo, vil, destilando puro *ejò*. Tô aqui pra isso. Não tenho medo que me leiam como violento, não. Vontade de *ser mesmo* é o que não falta.

Não tenho vergonha de titubear quando tentam me dobrar ao pacifismo anti-armamentista: não seguro minhas convicções; essas coisinhas de '"*trocas*" *e* "*didatismo*"' tão tirando filetes do nosso couro. Não colo com assimilacionistas. Vendo passabilidade a três reais o quilo: queima de estoque.

Se o Carrefour é encruzilhada eu não sei, só sei que na hora do *pega* eu não tô confiando nem em negro mais, a essa altura do campeonato. Nem me ler de graça essa galera tá se comprometendo a fazer. *Nem escrever bem...*

E eu não creio ter encontrado negro nenhum em posições institucionais por toda a minha carreira em literatura até que o meu próprio prestígio exigisse essa tratativa. Nem na Pallas, infelizmente. Pra bom observador *print* é letra.

Seria de se esperar que as faces públicas e institucionais da nossa vanguarda fossem nossas.

Não ando esperando mais nada: só faz.

Conversas sobre solidão-da-de-di-do-du em ficções e não-ficções não me compram até que a nossa existência enquanto artistas seja assegurada pra além de *crowdfundings*. Conversas sobre aquilombamentos não me compram enquanto almoços e passagens aéreas sejam comprados, pros nossos, em circuitos, com cartões de empresas sem o nosso nome[37].

A conversa sobre hiperssexualização não me compra enquanto a gente não tematizar a hipointelectualização[38] de nós mesmos quando não vemos despontar uma inteligência

---

rua que sabe cantar *on demand* — *beatbox* e tudo— toda a discografia dos Pacificadores e Cirurgia Moral precisa ter acesso ao livro de poemas em que a Maria Clara tematiza a transição capilar dela enquanto cursava Letras na PUC pra se sentir conectado com o próprio povo. *Confia*. Por isso a lupa onírica a focar no aspecto de 'sonho' da empreitada, no que há de magicado nas plantas, que de celulose. Se sonha em ser artista, no Brasil, como uma alternativa à pobreza, quando essas duas coisas são indissociáveis — e o mercado de arte é indissociável de qualquer outro mercado gerador de pobreza. Os dengosinhos e delgados apontam como panacéia à miséria o pareamento ao marketing digital e ao apoio do capital privado e justificam isso como 'ocupações de espaços'. Eu precisava falar? É óbvio. Como alternativa ao que veem como dependência medicamentosa surge uma arte curandeira, só que sustentada pela multinacional detentora dos laboratórios. Arte não é terapia, dizem os mais arrumadinhos, os que já saíram do Mapa-da-Fome-afetiva, certos em dizer: embora terapeuticamente dizendo. E eu não perdoo isso. Eu não tô aqui pra passar mão em má-lida. Eu não tô nem no centro dessas discussões pra que a minha opinião seja qualquer coisa. O difícil de ser um artista negro no Brasil das micronarratividades não é 'ser sensível', não, nunca foi. O difícil é não 'ser sensível' e perceber a *negritude de cards no instagram* e termos-de-pesquisa se desviando do seu trabalho. Porque, é lógico, existem monolitos mais desconstruíveis que outros. Tematizar o racismo ou sofrer racismo são barreiras irrelevantes no mercado-de-arte perto da demanda de que o racismo que o artista sofre e tematiza seja símile daquele disposto no discurso acadêmico. Tô de boas dessa fita.

[37] No CNPJ, eu falo.

[38] Ou a dualidade da dicotomia.

negra que não caiba em *keywords*, tanto no sentido de SEO quanto no de *papers* acadêmicos.

O pareamento da nossa luta nos últimos cinco anos mudaram minha opinião sobre cotas raciais. Prioridades. Mesmo 'intelectuais orgânicos' têm no próprio termo 'intelectuais orgânicos' a insígnia da positivação de bolsistas CNPq e isso embrulha meu estômago demais.

Não fossem minhas gayzinhas na minha DM, porque eu sou bonito[39], eu não ia ter tido um leitor nessa merda antes de virar qualquer-coisa de nada. Meu pau me garantiu mais leitores-de-prova que o 'leiam autores negros' corriqueiro de Novembro. Não fossem homens se descobrindo bissexuais meses depois de me darem um fora eu não tinha nem visualizações nos meus stories.

Isso não é nem um 'cês não tão prontos pra essa conversa', não tem problematização inclusa da minha parte.

Antes ser dildo que kindle.

Negro, deposito aqui um grão inestimável direto do silo da minha sabedoria: cê não vai ser reumanizado por ser brocha. Objetificação sexual é o menor dos nossos problemas, o

---

[39] A pauta de autoestima é um engodo feito pra vender autoajuda disfarçada, de cabelinho novo, e produtos de beleza com *black tax*. Eu tô aqui há mais de década sabendo que sou foda e nem a velha literatura-sitiada nem a nova literatura-de-sítio têm nada pra me oferecer. Quando o artista é emocionalmente estável, dengosamente repleto, afetuosamente satisfeito, psicologicamente encaminhado, leu bell hooks antes dela morrer e certa-feita antes dela virar best-seller no Brasil — e não achou grandes coisas —, leu também muitas paradinhas mais porque não acha que esperar que casas editoriais banquem reedições e traduções é uma posição política válida, quando o artista é consciente-da e confortável-com-a própria performance de gênero — mesmo que masculina, e não da florida —, sabe que é bonito, sabe que foi bonito até mesmo nos anos em que não precisava pra nada ter sido — portanto não caiu na arapuca de postar foto de criança, ossuda de crescimento ainda, com a música Autoestima do Baco; bagulho *creep*, vou falar —, quando o artista não precisa de reafirmação racial apesar de ser pardola, o que o público tem a oferecer? O que o Movimento tem? Um dinheiro que é até mais justo pegar das fontes primárias, talvez. Simulacros de conversas de bar em mesárias e palestras sofrivelmente sóbrias e nem por isso lúcidas. Editoras sem gráficas próprias. Movimentação em plataformas aglutinando grana no Vale do Silício. O que mais? Pra depois que as instituições hegemônicas finalmente validarem o que ele vem há anos afirmando, pra depois dos prêmios, o artista ter que lembrar coisas que não rolaram, destilar gratidões sem lastro, bancar narrativas que nunca o contemplaram. Irmãzinha, a pior autossabotagem possível pra um artista negro no Brasil de agora é superar a própria autossabotagem pra perceber que era só essa temática no próprio trabalho que dava *buzz* — ser coitado é *o babado* —, que invés de arte o público quer um grupo de apoio, invés de um artista o público quer um *influencer*, e por grupo de apoio eu quero dizer: sessão de comentários. O poder de síntese só é um poder na medida em que o público justifica a própria indisposição à prosa longa, com maior ou menor grau de argumentação. Poesia só vende o tanto que vende por ser *shortform-media*, não por ser 'potente', não por ser 'transformativa'. A real é que a internet pressupõe que epifanias sejam conteúdos e a Militância anda sendo grata demais quanto ao quando relutantemente aceitou que, sim, alcance é o melhor produto pra nossa morte. Em cima disso, a lógica do trabalho intui que *conteúdos* sejam *serviços* e, assim, que produtores sejam serviçais. O artista, frente-de-loja, tem que se alistar a sensibilidades pré-estabelecidas e demonstrar que se deleita com os mesmos copos-de-leite pra que valham suas comissões. E o novo academicismo, internalizando a culpa de ser 'o primeiro da família que', redemocratizando a própria alienação, lê na indisposição a se comercializar um índice de entojamento e racismo estrutural. Tem quem ainda confunda *dissidente* com '*bom discente',* deve ser influência da herança do concretismo nas músicas da Linn. *Pajubá foi tudo*; as imitações truqueiras nem tanto.

problema real é o pressuposto de disponibilidade. Assédios e estupros são encorajados com a sistematização do acesso, não por processos semióticos. Carltons também fazem o tipo deles.

E, desculpa falar: a missão do mercado contemporâneo de arte é te moldar pra ser acessível, atravessável até. O público sequer pode ser tematizado. O autor de literatura brasileira é um GP cabaço.

Até porque, do contrário, é desumildade sua. E vê aí, o lava-pés é fundamental pra turma que deu certo: os escrivãos sem-dentes.

Todo esse papo de subjetividades é uma graça. Questão é que editoras conversam entre si. Temos aí, então, que se indispor é meio chato.

E tá bem óbvio, também, porquê que eu não vou gravar reels explicando o que significa aquele termo cunhado pro Itaú Cultural. *Fake until you make it* não funciona pra movimentos sociais.

Não há vanguarda na cultura afro-brasileira no que tange à literatura. Espero ter negritado esse fato. O que se tem são gatos-pingados. E mesmo esses: sabem, tão cansados de saber, nada fazem.

E os artistas discursantes, essas bestas banguelas, só têm acesso aos salões por serem esses vira-latas filhos de um puta de um filho-da-puta.

Sergio Vaz, meu querido, com pobre eu já comi mil vezes coisas mil vezes mais íntimas, isso, com a mão mesmo. Claro, no chão. Descalço ou de meia. Não preciso humildar minha arte pra provar que não sou demófobo.

Nem fiz exames depois. Tá nesse nível minha confiança no nosso povo.

Vimos, portanto, umas verdades minhas. Complicado encaixar elas em propostas de editais, é preciso falar. Se eu não falei da patuscada que são as leis de fomento é só porque, por princípio, eu preciso descascar antes a iniciativa privada.

Agradeço até agora — e vem, baixando em mim, a *persona sīc grata* do negro na literatura brasileira contemporânea: o *sujet reconnaissant* — por eu não ter tido problema nenhum com ninguém em nenhuma fase editorial da publicação de nenhum dos meus livros. Agradeço às minhas editoras até agora. Juro, umas gracinhas elas todas. Ironia nenhuma. Obrigado pela *oportunidade*.

Levando em consideração que a Pallas sequer respondeu aos meus emails.

Existir enquanto sujeito publicado, ou sujeito publicado-em-potencial, é uma existência de *documento*. Literatura é documentação, em seu cerne. Portanto, apesar dos pesares, se publicar é fazer literatura no seu sentido mais pleno e irreconciliável. Independente de qual seja a editora, quais sejam as cláusulas do contrato, o quão *comédia* a divulgação, o quão ruim seja a pré-venda: vale a pena. Quem sabe um dia eu vingo e posso vender os direitos revertidos pelo valor que eles merecem pruma casa que não me aceitou, ainda…

Mas é um desconforto — mesmo que em potencial, que persiste, e que é coisa que pega — publicar nesses termos. Apesar de toda a minha malhação aos artistas contemporâneos, eu sei que não tem escolha-de-ganho. Tudo é *Mephistopheles*. Ninguém vai ganhar ou perder. Pra além da excomunhão dos quilombos digitais, não há purismo ideológico viável.

É um desconforto que existe em tirar trechos do manuscrito não só por causa do limite de caracteres da chamada mas por saber, também, que não existe na equipe uma pessoa[40] capaz de sacar a propositalidade do meu ácido, mesmo que pra achar desproposital. É um desconforto que reside no silêncio, também, quando o meu projeto literário não encontra público no alcance das páginas em que essas editoras divulgam. É, também, exaustivamente, em ter que ler uma grande gama das mais meia-boca das babozeiras que alguns dos meus irmãos de publicação postam ou são suas obras, achando que escreveram grandes mousses. Tá osso.

[40] Mesmo levando em consideração que na Pallas, pelo que eu sei, também… E não me tenham por polêmico. Creio ser de grande valia uma postagem com os nomes negros na equipe, caso existam. É um norteador fundamental pra quem trampa com uma literatura negra que não tem medo de trabalhar temas sensíveis. É *justamente* uma lacuna na nossa capacidade auto-organização enquanto *corpora* literária.

A movimentação de fluidos ao redor de obras que não se sustentam deixa em pé muita arte mal-compensada[41]. Não-atoa as coisas morrem depois da volição inicial. O bom é que muitas escolas compram. Faz parte do pacote.

Eu por mim já não sou muito simpático, mas isso não era nem pra ser um defeito de profissão. Era pra ser um defeito *meu*, individual, coisa pra deixar as pessoas próximas a mim jogando aqueles 'nossa, mas é um gênio, como pode...'. E pode, sequer é gênio: mas *pode*. Era pra poder.

Eu não devo nada pra quem lê os meus livros além do trabalho — porque trabalho — de os ter escrito[42].

A ideia de que a maioria dos escritores sejam criaturas-de-vendas é ahistórica: surgiu com o monopólio das redes sociais enquanto ferramentas de formação de opinião e acesso a compradores. Que figuras-chave falem sobre isso como um processo natural é de deixar qualquer um de-touca. Normalizamos chamar de quilombos o que na verdade são Mercados Endereçáveis Totais (TAM).

---

[41] Ecos breves e bardeados do capitalismo mendicante, de 'comprem meu livro', fruto indubitavelmente acoitado 'dos meus sonhos mais infantes, acossados de canseira, acusados de inanição, pela repetição infinita da minha falta de crescer'. Não tô nessa pra adultos Disney, não tô nessa pra *ēventus vānitātis*, e é, sim, verdade, que eu preferia a academia quando nela eu não era bem-vindo; tá sendo difícil ver agora o meu rosto estampando a cara de idiotas. *Mais uma dissertação de mestrado sobre 'oralidades' e eu perco a sensibilidade na úvula, por-deus*. Quando o otário que pagava as rodadas pros cotistas era branco, o fingir-ouvir sobre a Beyoncé era mais simples. Confessa, artista: o público das nossas piadas sobre a Aleida Assman era mais eclético antes de racializarem a teoria dela — ou era mesmo? Esqueci. Agora é só Ana Júlia. As filas dos caixas no BB ou no Santander eram menos faladas, agora parece que todo banco é teatro e *versa-viço*. Lembra quando a gente podia tirar onda das loirinhas extensionistas achando que mudavam favela com ATV? Lembra quando eram as loirinhas? Mas Deise me livre de falar isso em voz alta sendo pardo, o medo de arrastar é galudo demais. Se bem que não tem nada que a mídia curta mais que clarinho, chega a estralar os dedos do pé. Mas ainda sim ele tem que se posicionar concordando com discurso-pisado sobre negritude e racismo. Se eu tiver num aperto eu já sei meu truque, qualquer frase de redação *sobre-o-tema* vira ouro na boca de miscigenado. Vira *trend*, vira *thread*. Não dou duas semanas pra fazerem um fio sobre a apropriação cultural dos grills. Não. Melhor nem falar. Não tem verdade que não se desgaste ao virar pauta de descrição que continua nos comentários.

[42] Digo mais. Essa suspiraiada ditosa de que 'o livro só é completo com o leitor' ou qualquer outra forma de modéstia autoral — emulada ou não —, de duas, uma: ou é estratégia de vendas ou é carência de amigos. Novamente prefiro a interpretação cínica da situação, de que tudo isso tá bem-bolado em cursos preparatórios pra autores independentes, porque a interpretação clínica é triste demais. Não tem leitor no mundo capaz de se igualar à sensação de quando eu, sozinho, fecho um capítulo. Não tem feedback nenhum nesse mundo como quando eu me leio sem achar *typos*. Nem gosto de Q&A, mas mesmo se eu gostasse: responder perguntas mal formuladas por uma galera que tá esperando pra tirar foto contigo não é o lapidário da sua obra. Tu, autor, tá só argumentando uma compra. Tu, autor, tá defendendo um cercado de recepção que serve aos propósitos de *flaggar* a sua obra como *hot*, como o mais cobiçado adereço artístico-intelectual a se pendurar em mochilas. É duma leveza pesarosa perceber como entusiastas negros da Carolina de Jesus bandeiram — sem nem saber — que não leram Osasco quando se apaixonam pelo hall de livrarias, quando convidados. E se algum entrevistadorzinho vier com a cara mais-sem-graça-de-todas me perguntar como é que eu escrevi livro x ou y, vou simplesmente responder que escrevo todos com os três gomos do meu indicador esquerdo enterrados no toba. É pra me dar a sorte que precisamos. É irrelevante ser ou não verdade. Diferença não faz. Eu não devo satisfações. O público não é patrão nenhum de mim. Não tenho que bater pontos.

Quando, já em domínio público, os maiores da nossa língua foram todos antipáticos. Durmo tranquilo com essa certeza. Graças a Èṣù.

Percebam: há uma semelhança assustadora entre escritores publicando por pequenas editoras e páginas de vendas online, infoprodutos, mentorias estratégicas, geradores-de-ação, gatilhos mentais, *dropshipping*, MLMs, isca/impulso. É de se-repetir mesmo. A coisa tá complicadíssima. Nessa mesma linha: os empreendedores usam a palavra 'lançamento'[43] com as mesmas conotações. Ganha quem se gamifica.

Nisso, não se deixem levar pela cara: nossos ancestrais-vivos são exímios no processo. Com ou sem equipe de Relações Públicas: morreu o imagético da tia que precisa de ajuda pra configurar o celular.

Que as identidades visuais de instituições negras de renome sejam amadorescas e *sobrinho-fez* não é um sinal de amadorismo *per se,* é só de estagnação estética. Designers negros que se prezam não colam mais com búzios, mas já colaram.

E esse corporate memphis afro tá me dando no saco. Cês tão ligados no que eu tô falando.

Esse é um problema que permeia todos os fronts da literatura, não só brasileira, não só lusófona, não só negra. Mas fora dessas diretrizes deixa de ser problema meu e eles que se virem.

O problema especial em que essa disposição nos encontra é: a gente não tá atoa nessa merda, a gente não tem a nossa saúde assegurada pela prestigiação despretensiosa das telas do celular.

Os personagens de donana-da-biblioteca ou viadinho-fofo-que-é-poeta não se sustentam por muito tempo porque se fazer consumível no epicentro das violências que nós sofremos diariamente é um labor indigno e a verdade sobre a internet é que ela é uma moenda. Mais hora ou menos hora essa merda vai fagocitar a sua arte e soltar atrás só as fagulhas, fica esperto.

A prevalência de coisas fáceis enquanto proposta politizada, enquanto *qualquer-coisa-Paulo-Freire*, esconde a realidade de que preguiça vende. Vende mesmo, e a automatização da entrega de conteúdos marcada pela algoritmização de toda e qualquer plataforma nos solta essa informação em letras compridas. V-E-N-D-E. Muito mais que água: água enche barriga.

E a estagnação artístico-intelectual beneficia os opressores. E como não? Nada como um desenho digital e meia-frase pra te dar um gás numa noite de domingo. Nada como um motivacional fantasiado de poema. Te garante até um banho antes do busa.

---

[43] Inclusive, quem lança livro é funcionário dos Correios e repositor de livraria: escritor escreve.

Conversas circulares sobre acharem que seus avós eram burros porque eram analfabetos esbarram na pergunta óbvia de que é esse '-a-', quem são esses '-em' — quem que acha? Quem meteu essa? Eu quero nomes, explana.

E porque esse público importa na acepção do que cê escreve e influencia na linguagem que cê usa? Abre o jogo, já que é *sobre isso*. E, pra muito além, onde é que a existência de uma literatura de labor ameaça quem curte ler salmos?

Há mais de três gerações a gente não deixa velho falar sem anotar anedota. Há mais de três gerações a literatura brasileira não deixa morador de rua delirar em paz. Coisa até da falecida Cosac.

Quem é que tá achando que cê não sabe escrever porque, uau, *a ousadia em prosa, a Carolina em realização,* o chão fabril em *plenos-poderes,* cê começou uma frase com objeto-direto?

Aí é 'ah, porque a *branquitude*, porque fulano professor disso, porque no Roda Viva...' E é esse o ponto. Tá aí a sinceridade. Tá aí o meu problema com *muita coisa* que publicam hoje em dia sob a bandeira.

Não é que sua escrita 'bebe da oralidade', é que cê escreve pra branco duma posição didática, *tendeu*? Cê é tempero. Cê tá se oferecendo numa posição demonstrativa, passível de aplausos ou pausas. Cê tá oferecendo *todo mundo. Tá ligado?*

Taí o porquê que a gente tem que se classificar fora do núcleo-duro da língua portuguesa em uso, que é nossa. Taí o fluxo-contínuo de monografias de conclusão de curso sobre 'pretoguês', quando a grande parte dessas variantes são usadas indiscriminadamente, só não são validadas em registros escritos.

Taí que negros africanos achem que essa conversa é sobre PALOPs, quando nunca foi nem tem que ser.

Pr'a gente chegar nessas noias de 'pretoguês', lá na frente, a gente ia ter que passar primeiro pela trincheira de que o português de escolinha é uma farsa. Total. A gente ia ter que colar com branco pra descompactar a língua brasileira da sua suposta esterilidade e encontrar por trás dessa escrita de diário de bordo os caracterizantes de um falar brasileiro que não tem receio de ressoar.

Mas pra isso as editoras iam ter que parar de ganhar grana vendendo infantis e falso-adultos pro Estado. *Tá ligado?* Porque linguagem desafiadora não cabe no projeto pedagógico e muitas figuras que fulguram esse processo sonharam em vida serem Norma.

Pra que isso acontecesse: ser negro não seria mais um fator díspar no mercado, escrever bem seria. E a categoria do 'bem escrever' é rodinha punk em que vale usar braço.

Se a gente tivesse meia-coragem enquanto coisa-coletiva, amassar a língua seria o objetivo final de toda essa revoada. Não ia rolar tempo pra essas sessões de foto.

Centralizar tal e tal produção marginal em discussões curadoradas não é o mesmo que descentralizar a curadoria de arte.

Não é sobre a independência intelectual e linguística da literatura afrobrasileira, é sobre se humanizar aos olhos da hegemonia, se somar *a eles* e garantir tetas. É sobre 'a gente erra, mas é válido'.

É tempo, ainda, de meia hora de qualquer gônada nessa virilha, *pra nós*.

É por isso que, independente de -nd- virar -n- e da audácia pontual em derrapar algumas concordâncias, ainda se usa muita ênclise por aí[44]. O que o Geovani Martins tá fazendo, o que o Paulo Lins fez milianos atrás, é o mínimo. É só a cabecinha.

É por isso que 'a gente combinamos de não morrer' não é o prelúdio de uma literatura-nova mas um experimento abandonado pela própria autora.

No fim, é sobre a sua[45] própria insegurança com o analfabetismo metafórico-compulsório, porque nos círculos de prestigiação, e onde cê bota sua cabeça pra bandeja, cê dialoga com o imaginário colonial, porque *é o imaginário colonial*.

O que se tem entre nós são Rotpeters angariando, apesar dos muitos diplomas, um *honoris causa*. Qualquer outro empoderamento é brinco de argola perto desse fundamento.

Nessa posição — fácil, sonhadora — abrir concessões estéticas, morais e narrativas não são nada demais perto da cadeirinha nos próximos sei-lá-que-porra de tema de sabe-lá-onde de feira patrocinada gostosamente por sabemos-quem. Isso quando não aceitando cadeiras catedráticas como se fosse esse o nosso objetivo. Elogiei o Machado aqui antes, mas essa fita foi muito errada.

E todas as concessões são aprovadas, tanto na dimensão institucional da editoriação quanto no amplo-ideológico de quem vai produzir os 'conheçam tal autor' das páginas de divulgação literária.

É burrice da nossa parte achar que as editoras é que vão avançar alguma coisa. Nem devem. Somos *nós* que somos artistas. Em cargo, ao menos.

Não tem dessa de se achar subversivo e '*necessário*' se '*whitesplaining*' te desestabiliza do seu ofício. Ser incômodo é o pressuposto, o contrário é que seria de nota. Tá na cara que

---

[44] É porque só se fala de 'ruas' quando outorgado pela língua do *reyno*. Quando a Alda Espírito Santo escreveu 'Eu queria falar convosco no nosso crioulo cantante / Queria levar até vós, a mensagem das nossas vidas / Na língua maternal, bebida com o leite dos nossos primeiros dias / Mas irmãs, vou buscar um idioma emprestado' era ainda 78 — faz as contas. Mas parece que refinanciamos esse contrato.

[45] Sua. Sua *mesmo*.

cê tava esperando aprovação irrestrita dessa galera aí. Tá pior que bater em mãe. Se fecha que tá até feio pra banca.

'*Atravessamentos*' é um caralho, passou errado na minha frente é bica.

Não existe um fã-clube pra sobreviventes do genocídio*, tiozão. Fica esperto.* Essa celeridade calma é coisa de quem tá à toa. O clima festivo não combina com a materialidade das conquistas nem com a gravidade do tema[46]. Não existe *hype* pro tipo de experiência artística que *demanda* do público. Nunca teve. Nunca vai ter. *Isso aí* é pirulito de pediatra.

Não quero ser eu a defender a reinstauração da categoria do óbvio, mas talvez seja essa a minha missão. Todo mundo tem uma, *aparentemente*.

O óbvio é que fomentar a presença de *bookstans* — ou outros descompromissados — em literatura engajada é dar sombra pra cobra. A ideia-mesma de 'literatura engajada' não é lá grandes avanços[47].

O que o marketing digital *prima facie demanda* é o engajamento da audiência enquanto *clientela*. *Tout court,* é isso que cê tem que pedir, é sobre isso em todas as etapas da criação do *conteúdo* sobre o conteúdo da sua obra. Temas complexos ou desagradáveis são um desincentivo material pra propagação de arte nos espaços que se fizeram digitais.

A subversão pós-irônica dessa necessidade primeira — isso quando há, quando o medo de levar um lacre é superado pela existência do mínimo de Eu[48], coisa que anda em falta — não resulta no desmoronamento da estrutura: é parte dela mesma. Não existe um influencer negativo: todo engajamento *é, e o é independentemente*.

Nossos piores capitalizam racismo a anos[49]. Os melhorzinhos do time capitalizam a crítica que eu acabo de fazer. Nada é original, não tem *a boa*. É tudo moeda.

Inofensivar a arte, muitas vezes, vem como extensão do processo de inofensivar o engajamento, que tende a ser viruloso pro nosso lado. O amor do público compensa na

---

[46] É até engraçado que discussões sobre isso nos obrigue — ou obrigue alguns dos nossos, na defesa — a nos resumir ao imagético paroxístico do 'povo festivo' e de cultura eminentemente corporal. Bagulho de New Orleans e origens do blues. Atacar festas literárias é quase como não gostar de carnaval, então, pra uns. Isso porque a capacidade de se divertir entrementes atrocidades é um dos motivos da continuidade da cultura, e quanto a isso eu concordo. Concordo de pena e ponteira. O que eu discordo é da graça. Proeminentes e obscuras figuras da produção negra de arte escrita — dum modo amplo — já lançaram seus livros em barzinhos, rodas de pagode, flashes de tattoo e escolas de samba. O que fica é o seguinte: procure, alternativamente, uma corporeidade sequer nesses espaços intelectuais em 'alternância' ativa. Procurem nos *loci* contínuos da positivação literária. Mais vezes que nunca aqueles que se prestam a *promoters* de eventos ex-brancos são bem sem ginga, me preocupa falar. Mais vezes que nunca sequer tem música. Repara. Repara *bem* o quão fácil é esconder um *brunch* por trás de constatações etnográficas quanto à habilidade de qualquer população humana em se reunir em grupo.

[47] E eu não tô com um humor bom pra ficar voltando fita pra explicar porquê.

[48] Aproveitando que o Fanon era fissurado em psicanálise e, por consequência disso, muitos dos nossos são freudianos sem nem saber.

[49] Incluindo nisso notas de repúdio.

suavidade das perguntas de fim de palestra e nos centavos dos Pix de caridade. Fora disso, fora da curatela: não avançamos em nada.

Publicar um livro 'polêmico' nos dias de hoje, mesmo no esvaziamento da palavra, é se abrir pra retalhação *[sic]* na internet: muito-porque não existe livro sem internet. Não existe autor sem a validação do vislumbre por literatura, porque tem que ser 'meu sonho[50]' publicar um livro, 'meu sonho' virar escritor, 'meu sonho' ter recebido 'essa oportunidade' &c[51].

No fim do dia, enquanto escritor estreante, cê vende mais livros pra quem quer te apoiar no seu 'sonho' do que pra quem gosta de ler. Isso é incontestável fora das grandes editoras. E entender arte como talento de suor, não sonho de criança, é uma narrativa extremamente sem graça no quadro do Programa do Gugu que virou a Flip.

Senão pra meia-dúzia de aposentados, que podem existir acima do acesso do público, a função do escritor é abrir caixinha[52] sobre o mágico da experiência de vai-lá-saber-o-que-é-que-essa-galera-acha-que-a-gente-faz.

Cê tá nessa vendendo a imagem do produtor de arte pra coçar a ferida de quem entrou pro oito-às-seis. Ministrar cursos de 'escrita criativa' é só o segundo passo.

É desumilde, é tipo um crime contra o equilíbrio que deve ser mantido entre exercer uma arte de prestígio sem parecer que cê se acha melhor que os outros e a posição subalternada que agora a sua grana te permite ignorar em ambientes selecionados, que a sua relação com a arte que cê exerce seja descomplicada e inambígua. Todo mundo tem que pagar de Leminski. Fala aí se eu tô mentindo.

Tudo é patentemente inofensivo no que diz respeito à produção contemporânea de literatura por autores negros, justo numa época em que nos tentam convencer que 'ocupamos'. Essa incongruência entre aceitação e liberdade é coisa fácil de entender. Vou até mudar de assunto.

Declamar um poema — *putz* — é uma performance essencialmente diferente de ter ele escrito, ou de declamar ele num sarau[53]. E sempre tem o filho-de-confeiteiro que acha de bom-tom soltar a elegia sobre violência policial com vozinha e enunciação de Carta aos Coríntios, meia-luz, de preferência com plantas. Declamar um poema chorando ainda é se

---

[50] Essa parada de 'sonho' me pega demais, pega mesmo, me quebra inteirinho. Até porque 'quem dorme demais acorda mijado'. Eu que fiz. Adicionem essa ao panteão de provérbios africanos de redes sociais — certeza que eu sou pelo menos ¼.

[51] E não tem conluio, não tem enclave, não tem agenda — antes tivesse —, não tem agenciamento, não é a máfia do Jayzinho, não são a FFLCH ou a FALE, não são os negros estadunidenses de um modo amplo. Análise de conjuntura: o que é, é a mão do mercado afagando as costas de bem-intencionados encarando o precipício. Quem arrepia ela empurra.

[52] E gravar unboxing dos livros da primeira edição, como se a gente fosse despachante. Tem quem bloqueie o foco na palma da mão como se mostrasse maquiagem. Essa porra tá transformando a gente em revendor da Avon.

[53] Mesmo que cê grave sua entrada no sarau pra postar depois.

filmar chorando pra internet, o que desde sempre foi abaixo-da-cintura em termos de presença digital e reservado pro tipo de pessoa a quem o choro é *leverage,* mesmo *IRL*.

Ninguém senão os poetas têm tamanha carta-branca[54] pra se despolitizar quando se pretendem políticamente conscientes.

Isso aqui, mesmo que leve, é insuportável, e, mesmo que terno, é áspero. Com que cara eu tenho que explicar que eu escrevi essa bosta equilibrando o peso de pedradas? E aí escolher uma capa. Aí postar a jornada dessa escola. Aí abrir os comentários pra 'forte' e 'potente' e 'necessário'. De que serve essa desgraça? E quem é que sabe?

Se acha muito que se precisa de apoio pra fazer apontamentos e que alguém que se sabe precisa ser dito o que se é por outrém; muito pelo contrário. Essa gincana em grupo é sola contribuinte da nossa rarefação de ideias.

Escrever não é uma forma de sobrevivência. Sobreviver é a única forma de sobrevivência. Esses livrinhos de 50 páginas não seguram nem *airsoft*.

Mas eis que nos retorna o profissionalismo e nada é fácil, nunca foi. Gente, bora engajar. Eu agradeço demais todo mundo que... E, pra coroar tudo isso, 'a vanguarda da cultura afrobrasileira' não tem sequer a coragem de esquecer um PDF meu no Dell-mini da assessoria de imprensa — pra na falta de um futuro-certeiro me meter pelo menos uma esperança — ou me dar a dignidade de recusar explicitamente o meu trabalho.

A impressão que se tem é que tratam autores negros como café-com-leite. Só que eu nunca fui pivete de brincar sem tá-valendo.

Uma das conclusões desse texto é a que segue: ninguém quer comprar a briga de recusar um trabalho. 'Vai que depois vira alguma coisa e ficam sabendo que a gente se posicionou de alguma forma'. Nisso é no autor, que não é ninguém, em quem pesa o ônus da prova.

Se posicionar é um risco operacional pras editoras e tudo que se pendura nelas pra não se afogar. E a única posição possível nos anos 20 é pra fotos.

Pra sempre sorrindo.

[54] Sim...

· sobre antirracismos convenientes

É fofo que casas editoriais se passem por ONGs e façam o jogo tardio-capitalista de lista-de-valores, quando, nos-quentes da necessidade a que se colocam como capazes de suprir dentro do próprio ramo, não fazem nada, não podem, não conseguem, é difícil, são muitos manuscritos. Como se a existência de muitos manuscritos fosse um problema. Como se publicar só literatura introdutória a mais de vinte anos não fosse exatamente sobre formar leitores e escritores e eis aqui nós mesmo, formados, prenhes.

Quanto a ambas as coisas: e agora?

É absolutamente cuzudo que os escritores negros estreantes no Brasil se publiquem antes pela Editora Urutau que pelas casas que se enchem de PNGs de estampas ankara e símbolos adinkras pixelizados que eu sei quem postou no Pinterest cinco anos atrás. Cês sabem que são otários.

O que eu me pergunto é: se, ao menos, cês têm um estagiário aí recebendo um estável pra ler os livros de toda essa galera do Brasil-todo fazendo o jogo de fingir comunidade enquanto em mata-mata. Isso pra, quando os direitos reverterem, outras editoras como a d'ocês terem um acervo de republicações, *ao menos,* e cês terem qualquer coisa de arte pra enriquecer os acervos.

Já é um tipo de terceirização esperar os ISBNs. É uma prova de que a gente se corporativizou demais.

Ou se realmente não bate vergonha de ser uma das únicas editoras nesse país capazes de alavancar a carreira de escritores negros que não querem ser chacretes, Pallas; mas, mesmo carregando essa responsabilidade — mesmo *pagando-de-pá* mesmo na maior moral — escolherem publicar quem deu certo pelo resultado da Oceanos ou, aí sim, *prestige,* bombou produzindo *mídia visual*. Não vou nem entrar no mérito de validação acadêmica. Já tô no limítrofe do cancelamento.

É de induzir vômito que uma casa editorial pague por *copys* pra redigir uma postagem que qualquer pardo afrobegendente que 'se descobriu negro' semana passada podia ter escrito pra ganhar likes. É pior ainda que essa mesma continue, isso desde muito antes da pandemia, 'convidando' e 'oferecendo' a 'chance' de publicação só-e-só-somente pra pessoas já consagradas no mercado editorial ou nos clubismos acadêmicos. Quando o real comprometimento a se ter, em se tratando de uma *editora* — não acho redundante recuperar esse índice —, seria não deixar o nosso próximo fundacional engordar os bolsos da Penguin International. Tarde demais.

Nosso próximo fundacional sem filiação com pós-graduação de universidade nenhuma, deixo esse adendo. Ouso deixar.

Tô sabendo que sou eu que vou ser malhado nos espaços radicais-digitais por ter me vendido pra mídia hegemônica, e a alternativa a isso, aparentemente, é simplesmente não

ser um escritor. Sedutora proposta. Sério. Sem incentivo algum já cogito. A essa altura, qualquer uma dessas duas opções me valem.

É asqueroso, revoltante, de cair o olho-do-cu de do-meio da minha bunda, e nada antirracista da parte dos envolvidos, aliás, que o foco tão facilmente seja colocado numa pessoa negra que recebe um salário sempre estimado na faixa dos milhões pra representar a *Europa* num esporte quando a gente tá cagado de saber que, bem aqui, no Brasil mesmo, sem regras-de-jogo, carcados nas costas com a mendicância que virou a produção local: os nossos expoentes da 'cultura afrobrasileira' têm que vender mais de quarenta livros só pra pagar os custos de impressão. Nem falo de mim. Pardo tem mais é que ralar mesmo.

Os nossos expoentes retintos tão aí tentando pagar alcance pra ver se emplacam. Que muitos sequer consigam me revolta, tem que revoltar. E a parte mais triste é que o façam com uma gratidão toda e uma felicidade de comprar bolo.

É do interesse de 'discussões' com aliados que o fator racial seja evidenciado num caso de racismo acontecendo com um negro socialmente estabelecido, não do *nosso* interesse. Não tem *um sequer* dos nossos militantes que ache ainda que opressão é uma questão estritamente de *stratum*, nem os mais ferrenhamente envolvidos com a luta-de-classes.

A gente já tá solar de saber do fator melanínico, até quem tá começando.

Mas aí outro problema. Há anos o Movimento enquanto coisa descentralizada conversa com racializados que usam a palavra 'moreno'. Tá rolando uma ansiedade com relação a alienar quem tá muito perdido. A militância ao redor desses fenômenos é intrinsecamente *whitefriendly* e introdutória. Assim como muitas das nossas obras vêm sendo.

Nisso, *outro* problema. Essa vislumbrância toda com dar rolê na Europa como confirmação de vitória — confiram o insta dos seus escritores preferidos — é homoousiana à cultura do futebol como escaleirinha de ascenção e patrocínios. Não foram poucos os escritores que eu vi pagando de Neymar na primeira viagem internacional.

Tem gente aí[55] aparecendo como prêmio em triunfo romano achando que é general. Avisa.

Eu tenho até medo de postagem em que a primeira foto é de flor porque eu já acho que a segunda é patrimônio da UNESCO. Não obstante, quando esses tão lá, a gente tem que comprar esses rolês alheios como um direito universal, como uma conquista *de fato*. Vai lá tu falar que foto com a pretinha no *Champs Elyseés* não tá na *wishlist* dos sonhos dos nossos ancestrais, *só fala*.

Pedir de volta os artefatos é justamente o oposto de pagar pra ir lá ver. Essas coisas não casam.

---

[55] Bebam comigo pra saber quem.

Tá na hora de dizer não à criança interior. Tá na hora de destituir o 'sonho' como ação política. Nem todo olho brilhando é prelúdio de conquistas reais.

Quando — ainda não acabei — aqui mesmo os nossos artistas têm que engolir injúrias raciais e racismos piores e o pior: de graça e sem ninguém pra filmar. Sem 'classe artística'[56] nenhuma se solidarizando, sequer sabendo.

Os nossos estádios continuam vazios, metaforicamente. Não tenho nada contra o Vini Jr enquanto ser humano, expoente na profissão que escolheu e bode-expiatório; nada contra o futebol internacional enquanto conceito, arte, máfia ou coisa-de-assistir. Mas vamos combinar: tá aí uma atividade que não precisa de *mais uma* instituição, Pallas, cê pode ficar tranquila. Tá aí um bagulho regulamentado ao seu limite de derrapagem.

Termina de fumar, corre lento. Esse peixe tá na nadadeira de peixes maiores. Cê tem outros problemas pra resolver.

E fazem anos que a gente vem discutindo sobre a *práxis* da reprodução e do compartilhamento em massa de situações de trauma racial como gatilho de engajamento barato, pueril e descontinuado. Décadas. Desde tevês-de-tubo, pode ver.

Há tempos a conclusão certa-feita majoritária e tranquila é que os avanços em termos materiais — se chegam realmente a acontecer — não valem o labor emocional e a reativação de respostas instintivas e patologicamente nocivas nas pessoas que sofrem diariamente esse tipo de violência.

Terapia efetiva é um bagulho de *baixas*. O corpo cobra.

Difícil ser vanguarda sem sacar isso. Difícil mesmo. Talvez seja uma questão melhor explorada com a calma e a delicadeza possível numa expressão artística que trabalhe com a linguagem no seu estado de repouso, quem sabe.

Talvez um livro. A gente podia lidar com isso num livro, quem-sabe ficção dessa vez, pra variar da leva de monografias reescritas.

Quem-sabe ficção, complexa, de alguém que tem arte como labor. A editora tá aberta pro recebimento de originais?

Que o MNU solte pareceres, assim como a ANTRA é costumeira soltadora de pareceres e repúdios, assim como todos os vereadores, deputados, governadores e mandatas que eu sigo[57], assim como a APIB, assim como outras instituições sociais que se proponham responder à contemporaneidade dos eventos, é ótimo, é tudo, é parte do trabalho *delas e deles*, e não do trabalho duma editora.

---

[56] Sei-lá eu que porra de desgraça que esse termo vem a significar, quando usam pra falar de atores da Globo e empresários musicais — que cantam.

[57] Seguia*

É o trabalho de organizações sociais/beneficentes e coletivos políticos escrever-sobre e se posicionar com-relação-a algo dessa forma, porque — *primeiro* — empresas não se posicionam.

Tu é uma empresa, flor. Calma lá. É difícil se posicionar, quando uma empresa. Espero não ter que explicar o porquê. E eu, de coração, espero ter deixado muito bem mastigado onde a Pallas peca enquanto uma empresa de publicação edição de livros. Qual é mesmo o trabalho duma editora?

Porque — *segundo* — tem muitas outras coisas mais pontuais que podiam ser feitas. De graça — e é geralmente assim que esses *for-profit* aglutinam trabalho — posso dar várias.

Sequer me citem.

Bora esperar mais gente entrar na *live*.

Enquanto a gente não tiver toda a African Writers Series da Heinemann traduzida pro português — ou pelo menos os números clássicos — editoras como a Pallas têm o trabalho delas separadinho pra fazer. Praticamente encomendado. Tá na mesa, amores. Dambudzo Marechera e Chukwuemeka Ike, entre outros.

A gente não deve reverência pra nada, não é assim que funciona. Mas ignorar que as topadas que a Geração Cotas vem dando têm muito dos erros dos primeiros negros em Sorbonne ou Cambridge é perder a *comparada*. Essa relação metrópole/colônia é tema batido e o mínimo pra não ficar tedioso é meter intertextualidade nessa merda.

Muitos dos nossos, por volta da minha idade, andam achando que comprar terreno é se territorializar. Temos na literatura africana contemporânea — não *mainstream* — espelhamentos dessa molecagem.

Pra além de tudo que eu já disse, tal como tá, a língua inglesa tem mais traduções das produções de PALOPs do que nós temos dos países africanos de língua oficial inglesa. Capaz deles terem mais obras de autores africanos negros em língua portuguesa em Londres que nós temos no país todo. Essa não é uma proposição séria, só uma observação amuada.

Talvez por isso permaneça a nossa síndrome de descobrimento. Talvez por isso qualquer otário falando em entrevista que o Nordeste — qual? — tá nas margens da literatura brasileira ganha IBOPE. Ninguém tem muito conhecimento-de-causa sobre nada, apesar dos anos de bolsista.

Sou da opinião de que literatos deveriam conhecer literatura. Morro nesse morro. O mesmo vale pra ala afro. Sem desculpas, sem *figuinhas*.

A gente precisa da poesia completa da Phillis Wheatley — de preferência por algum tradutor negro com umas piras alinhadas com as proposições da Geri Augusto e toda a tropa do Traduzindo no Atlântico Negro[58]. É engraçado que todo o *hype* da 'escrevivência' não tenha esbarrado nessa conclusão.

Seria também agradabilíssimo termos a poesia completa do Paul Laurence Dunbar, e, se possível, por favor, sem esses adoecimentos teóricos de 'oralidade' e 'dialeto' pra se permitir a liberdade que o cara já experimentava no século XIX. É necessário que o tradutor escreva a própria língua junto das pessoas com as quais esses poemas pertencem, transatlanticamente, sem se valer de dispositivos de licenciamento. Essa sectarização acadêmica de pesquisas sobre lexicologia autoral não faz sentido, era pra

[58] Que é da minha época, não sei o que de recente sobre o tema vem sendo aquecido, me dei ao direito de evadir o ensino superior. Momento algum me arrependo.

também nos permitirmos fazer arte. Os estudos e as terminologias alienantes devem ser aplicados pra autores negros que ainda usam… Enfim, isso sim é um fenômeno.

Ah, assim como os seus romances. Agradeço em imenso ao Felipe Vale da Silva por ter traduzido O Joguete dos Deuses e eu espero, também imensamente, que cê não leve pro pessoal — ou comente sobre — o que vou dizer: é uma vergonha pra nós que tenha sido uma pessoa branca. É vergonhoso, em especial, pra ala acadêmica da negritude.

Assim como é vergonhoso que nossa primeira e única tradução do Claude Mckay não tenha sido um dos romances e também não tenha sido por um tradutor negro. Embora traduções pontuais e competentes de poemas individuais são por negros semeadas nos mais velho-HTMLzados dos sites da internet, esperando qualquer-coisa a menos que um *freelance,* pedindo aí qualquer dez centavos.

Se esse não é o tipo de coisa que nos instiga, sujeitos de *palavras*, a produzir posts indignados direcionados aos que também de *literatura*, nos incentivando a traduzir todo o resto das obras, nos *pagando* pra que a próxima primeira-tradução de autores negros saiam em português do labor e da curadoria teórica de pessoas também negras, se não é esse que é o núcleo-duro das metas de algo que se diz sobre livros: é pra sair da internet.

Quanto a isso concordo com os garveyistas; número, grau e tirações com a minha cara.

É incrível o quanto a gente se internacionaliza pra certas coisas e não pra outras. Gibraltar não é a nascente do Atlântico, vale lembrar. E mesmo lá: também é o sonho de jovens periféricos se tornarem escritores. É sonho avulso e sem necessidade de programas.

Não compro os papos de 'representatividade', mas se funcionar ao propósito eu danço-e-canto. Se for pra ser iconoclasta de chuteiras eu aceito o clichê. Se é isso que falta pra dar a coragem necessária pra editoras negras *gerarem* a saída de livros que a gente tem como fundacionais, eu tô amanhã de peruca ruiva e rabo-de-sereia.

A imagem do descampado de terra com dois chinelos de cada lado tá vivendo muito de-graça na cabeça da classe-média. Vira essa Canon três horas pra esquerda e cês vão ver um pivete esquisitoso com celular na mão: lendo. Desimportante o que, desde que de graça. Os números não mentem. Um interesse embrionário resiste à falta de acesso.

Seria interessante também traduzir *The Book of American Negro Poetry* (1922). Interessante também uma triagem mais atenta ao que se encontra somente em bibliotecas paralelas, no rumo do FBI: falta de autores como Ama Ata Aidoo no Brasil, por não ser percebida ainda, é imensurável.

Toni Cade Bambarra me vem à mente[59], mas cabe aqui abrir um aparte pra academia e denunciar quem em 2020 essa questão já era discutida em polvorosa em 'As ferramentas

[59] Embora 'Gorila, Meu Amor' (2022) ter sido traduzido pela Editora, entre tantas, Darkside.

do sinhô nunca vão derrubar a casa grande'[60] e que descobri June Jordan e Nikki Giovani por meio desse artigo.

Maryse Condé tá na Record, Ann Petry tá na Carambaia. Há o argumento a ser erigido de que é mais fácil para editoras de tradução traduzirem textos negros que editoras negras contratarem tradutores, mas essa é uma desculpa estritamente corporativa.

Cursos de Letras não têm muita saída; tradutores são como acerolas, ainda mais nesse par linguístico. Não quero desmerecer o curso, nem acho que esse critério seja meritório, mas a nota de corte é bem acessível, aliás. E professores dispostos a gerar evasões em cadeiras obrigatórias são cada vez menos frequentes — há mais o que se fazer com o salário.

Finalizando essa listagem não exaustiva. Muitos — incluindo boa parte da AWS — são domínio público, se é esse o problema.

Faltando tradutor — o que eu não acho que venha a ser o caso — tô aí. Trombei com outros dois ou três na graduação, também negros — até mais que eu. Abram chamadas. Meia dúzia cês acham fácil, fazem por portfólio. Talvez seja possível matar dois coelhos. Na falta de alguém por trás dos endereços de email a gente programa alguma coisa, conheço também dois ou três TIs negros com currículos pra enviar pra Pallas.

Isso se a boca que fala for a mesma que consome e não mastiga ou se a fome falada for a mesma do estômago: isso era pra ontem. Isso não era nem pra ter acontecido.

E é um prazer que tenha quem ache que eu tirei esses nomes duma simples pesquisa do google, como uma forma fácil de lacrar. Isso significaria que tá tudo a uma pesquisa de distância de qualquer um.

E mesmo assim...

---

[60] Sendo essa a única citação que farei, já perigando precipitar por saturação: *Calixto, R.; Peixoto, L. A.; Silva, L. M.; Giorgi, M. C. (2021).* ***"As ferramentas do sinhô nunca vão derrubar a casa grande"****: análise discursiva de uma tradução marginal. Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura, 26(2), 421-435.*

A ONGficação de empresas associadas a causas minoritárias não é nenhuma novidade em área nenhuma, embora na literatura a coisa fique um pouco mais escrachada. A gente tá passando fome aqui, se não perceberam. O raro dos nossos autores com menos de trinta não é uma questão de falta de expoentes, é de falta de tempo. E quem encontra tempo, muito provavelmente, é porque tá vendendo saúde pra comprar. Não tem suco de Ausar pra contrabalancear isso.

Coisa que poesia-de-cura nenhuma consegue fazer resgate.

É uma questão, também, de falta de saída. Fazer o quê com uma obra que não tem vazão? Produzir mais? Não. A resposta inequivocamente é: se tornar *influencer*, aí...

Ninguém precisa de mais uma Notícia Preta, ninguém precisa duma Choquei melaninada, embora já as termos e o engajamento ajuda nas curtidas que ajudam nos seguidores que aumentam o alcance de quando cês pegarem uma figura-pública pra publicar — porque é arriscado demais fazer o que as outras editoras podem fazer, que é focar em literatura —, desde que escrevam coisas aceitáveis pelos PLNEs e cursos de PLE[61], que são onde a coruja dorme em termos de papel-por-papel.

Ou não-ficção, mais uma, como se negro não tivesse entrado no golpe de produzir textos científicos já faz mais de umas dez voltas e o que se tem por aí já tá bom demais[62].

Ninguém precisa de mais alguém repostando obviedades no próprio perfil, a Cidinha da Silva já tá fazendo esse trabalho-de-base perfeitamente — todo axé pra ela, aliás — e, não obstante, tem ainda que trabalhar e tem *ainda* que arrastar quilos dos próprios livros no carro dela[63] pra tirar um trocado do talento que ela, sim, tem. A leiam.

No nosso recanto cantam pássaros comprados e gaiolas não são impeditivos à voz quando acompanhadas de anilhas douradas — originais, do Ibama ou outras marcas. Isso muito porque nossa 'vanguarda da cultura afro-brasileira' tá achando que é revolucionário viver sempre cinco anos atrasada da mais chatinha das trends do falecido twitter só porque ser mula de conversas já-tidas é a parte do pensamento contemporâneo passível de frete.

Que a gente não tenha desenvolvido maneiras de impulsionar a obra da Cidinha por meio desses ditos sistemas de apoio e divulgação afrocentrada, diz muito. É até um aviso. É muito difícil ser mais presente e agradável*, em ambas esferas,* do que ela.

Muito porque — alias! — se convencionou entre nós não questionar lógica introdutória nenhuma, embora 'trabalho de base' seja muito diferente[64] de 'vanguarda'. Tá todo mundo

---

[61] Respectivamente Projeto Livros na Escola e Português como Língua Estrangeira, uma coincidência que pra mim é muito significativa.
[62] Não pra ser polêmico.
[63] Imagino que dela. Capaz de, nas condições, nem ser. Eu mesmo sequer tenho carta.
[64] Vale enfatizar.

se cabeceando pra ser tiete dos *reels*. *Público-amplo.* Muito-mesmo porque público — enquanto *público* — é indiscriminável.

E eu tenho pra mim que ser *influencer* é muito-mais ser *griot* que os escritores de livro falam que são. De verdade. Tem qualquer coisa banta em vídeos verticais. Problema é quererem — por motivos que ficam pra terapia — o prestígio da língua escrita e o '"cheirinho" de papel' e o *unboxing* da pré-venda e o marca-páginas com a arte da capa e o Funko Pop... Aí é confundir um pouco as coisas.

Mais uma vez: quando eram brancos fazendo era fácil falar. Esse é tipo um mantra.

Virou ComicCon essa caralha. Mas esse não é o *fut* de *stands* com autores *sentados*, não é o 'futuro da literatura' um livro que se vende pelo tiktok. Editora negra é uma ideia bacana, essencial, OK, vai-nessa, mas qual a cor dos fornecedores de polpa? Eu quero saber das gráficas: eu quero saber o coeficiente de cor entre os escritórios temperados e o chão de fábrica.

Já te falaram que operar impressoras industriais é um trabalho insalubre de risco tóxico, mecânico e sonoro?

Quais são os movimentos que fazemos pra garantir o acesso gratuito de pessoas carentes financeiramente a propriedades intelectuais que, em seu custo elevado, sustentam outras pessoas carentes? Tá aí o imbróglio.

E quanto à presença massiva na internet: quantas curtidas valem uma literatura? Quantos '*cê* sabia que' imediatistas podem afirmar com veemência se transformarem em *conhecimento,* findado o *scroll*? A quanto tempo cê já conhece os autores negros que cê ainda não leu ?

Não é quantos reis, rainhas ou rinhas-de-galo cê ficou sabendo que a gente tinha, é sobre quantos e quantas *cê lembra.* Não sou intelectual da área[65], mas curiosidade não vibra junto com cultura-oral. Ouvi falar.

Um povo não é seu mínimo denominador comum, embora fingir que sim nos tranquilize de pensar estratégias pra lidar com a romantização das faltas. Entretenimento é, sim, uma ferramenta poderosíssima, mas não é a totalidade das experiências cognitivas de um organismo humano completo, ou um 'corpo', como gostamos de nos epistemologizar como.

E o que a ONGficação de editoras *afro* no Brasil deixa óbvio é que, apesar de viverem e se manterem da nossa causa, e se colocarem como se fizessem isso contra o próprio lucro — o que é mentira —, não temos transparência com relação a onde investem o dinheiro, como é de praxe pro capital fechado. Mais uma vez, não preciso explicar porquê.

---

[65] Inclusive não me considero intelectual bosta nenhuma, não curto a turma.

Não é nem tanto se sim ou se não, se a Pallas paga influencers pra ler os livros dela. Todos os nomes da indústria — *allegedly*, supostamente, dizem-que — fazem isso. Eu quero saber onde, só. Eu quero saber quais. Eu quero saber porque eu sigo[66] uma caralhada de literatos negros e negros-periféricos e periféricos-sem-serem-negros e não me aparece meia publi dessa editora, embora eu veja de muitas outras. Embora eu veja de empresas que não têm nada a ver com literatura, e eu acho o máximo mesmo porque é *grana*.

Se cê vai pagar de gostosinha, Pallas, eu quero ver qualé a dessa grana. Se é pra ignorar meus emails como se eu tivesse falando uma língua completamente desconhecida, eu quero conhecer a linguagem d'ocês. Preciso remontar a herança cultural dos mercados? Preciso apelar pra solidões-de pra evidenciar o grave de me deixar no vácuo?

Não é que pagar de @meuprimeiroafrozinhokids seja necessariamente ridículo no ano do vosso Senhor de tocas-de-cetim em lojas de três-e-noventa-e-nove — juro, até a Disney tá ganhando dinheiro das nossas inseguranças —, é sobre saber o que acontece na outra ponta desse projeto, já que as chamadas tão fechadas, os patrocínios não existem[67], mas o SEO tá em-dia, acompanhando todas as trends do antirracismo pra branco interagir.

E interagem, não tenho dúvidas.

---

[66] *seguia

[67] Até onde consegui aferir.

Imaginem esse 'espaço' como uma reunião antológica de excertos descontextualizados de provérbios provenientes de línguas das quais cês desconhecem a formação de significados. Imaginando, é óbvio, que troncos linguísticos não sejam correlacionados ao material genético dos falantes. Existe uma metafísica-linguística se instalando na literatura negra brasileira, o que é uma pena. É um magismo outorgado por universidades federais. Vão ser anos pra reverter essa pira.

Sim, tô ligado em como se encontra a nossa saúde, coletivamente, quanto a saberes antropológicos. Por isso mesmo pedi imaginação. É uma orfandade de dar dó buscando figuras.

Imaginem que aqui é uma página de 'oralidades'; das melhorzinhas.

Eu não tô nessa pra ninar os sonhos dos humildes. Arte nunca foi recompensa do querer[68]: todo bairro tem dez MCs.

Se a luta do Movimento for realmente por dignidade e liberdade, eu não vou me dignar a aceitar que a crítica literária virou cursinho de escrita criativa porque branquelos progressistas não têm mais a coragem de falar que um livro ruim é ruim. E nem nós temos.

Visem: *a falta de acesso e a marginalização social não são desculpas pra mediocridade*. Playboys nunca foram referências de nada onde realmente importa.

Literatura anticolonial sempre foi, e, enquanto for, sempre vai ser — se não for, não é — sobre disputa de linguagem e oposição à norma. Esse copia-e-cola só é a marca de um gênero de *pulp* em ascensão. Escrevivência é modinha.

Negritude é *hype,* é uma estética tumblr. Outras artes já sacaram essa.

Não tem isso de historinha com *potências-revolucionárias-de-afetos-simbólicos* ou mulheres-que ou uma criança que solta *A Verdade* num ônibus lotado, nem existe isso de cântico que desperte as massas. Essas paradas não sustentam um texto, o que sustenta um texto é a sua textualização.

Às vezes sua vó podia ter participado de um documentário e o produto final não ia ser tão patético. Às vezes sua vó dava uma foto fudida. Talvez fosse ela quem devesse escrever um livro e tu desperdiçando o tempo de alfabetizar as experiências dela fazendo etnografismos — sem ela — com poesia.

Talvez, na maior das morais — deixa eu te falar —, a gente podia tá pendurando no MASP os crochês que ela fez semana passada em vez de distribuir a cartilha de poemas que cê tá fazendo sobre isso pelos cinco anos da sua graduação.

---

[68] Não acredito em meritocracia, mas mentir já é sacanagem.

Há-de-se pensar.

De qualquer forma: todo mundo é neto de alguém e nenhuma sobrevivência negra é mais heróica que outra no terceiro mundo.

O que existe — realmente — enquanto incisividade, no nosso campo, é o devir de um projeto de linguagem sólido que assuste e aliene as elites culturadas da arte que elas têm como pérola-de-colo.

O *telos* da literatura antirracista é ser veneno de barata.

Tem carreira aí sendo impulsionada só porque rico adora apoiar senhoras que parecem com aquela primeira empregada que eles tiveram quando eram ainda de colo, e tem muita obra que não mostra garras quanto a isso. Tem muita iaiá tirando foto com o seu autor decolonial preferido em festa preta: ambos posando pro *x*.

Não tem essa de acordar ninguém de sono injusto nenhum, é pra deixar dormir — larga lá —, é pra não me perguntarem o que eu vou fazer com esse travesseiro. *Grita baixo, nengue*.

Quem cede ao medo de ser lido como analfabeto pela branquitude, usando ênclise, pagando de Eça sem nem se dar à flor de ser sarcástico, se deixa morrer, já é morto, enquanto autor.

Quem se descreve por titulações ocupadas e que de nada servem senão pra reafirmar a prestigiação bacharelesca, efetivada em produções que não se valem nem do povo, nem de si mesmas, nem de bibliografia, nem de nada senão um antirracismo micaretado, inofensivo e tabacudo, se deixa morrer.

Juro, 'tadinha, ela sofreu racismo na Federal' não é o samba-enredo que uns acham que é.

Mesmo no espanto do aumento do piso, mesmo na recusa da abertura do teto do carro, mesmo que poste ladainhas líricas sobre como é estranho não viver mais na extrema pobreza e sobre a desromantização das faltas, mesmo militando todos os zeros antes da vírgula, quem ganha grana vendendo miséria regrada e chamando de vitória se deixa morrer pro nosso tempo.

Porque é aquelas coisas: *all money is legal*, acho toda nota proveniente, dinheiro que compra necessidades não tem lastro; o que eu não suporto é roubar sem conseguir carregar. Tem muito *grifter* pagando de santo no nosso meio, e nem é no sentido sincretista.

Não tem essa de se afirmar por meio do uso, ocupado, potencializado, subvertido, quando a sua humanização é ainda uma pergunta. Todo simpósio é circo, todo circo é *kayfabe*.

Aliás, essa coisa de 'busca por humanização' já mostra que o negro não tá muito bom das pernas ou curte colar com quem não devia. A transição de diligências e poderes hora

nenhuma vai chegar no seu ponto de troca, seja tu humano pra si mesmo, sozinho, no escuro. O resto é mão-cheia e cara fechada.

Aliás...

Não tem isso de esperar que o governo leia pra si os livros da cena pela ausência de um público. Há mais de quatro mandatos o grosso da literatura negra tem sido formado por paradidáticos pra adultos pivetes que acham que foram crianças adultadas, prensados pelas normas redutoras e acanalhadas de escolinha.

Engraçado, até hoje todas as Pollyannas que eu conheci são negras. Quando vi o livro tomei um susto.

Não tem isso de justificar prosa inapta com a posição proto-uspiana de se colocar enquanto literatura introdutória. Não existe semana-de-integração pra movimentos artísticos, apesar de os terem fagocitado pra universidade: a partir do momento que uma pessoa é alfabetizada ela tem toda a própria vida maturada como arsenal de destravamento dum livro. Assumir *tabula rasa* do público leitor é se bandeirar classe-média filho-de-vó.

E de 'primeiro livro' a gente só precisa de um: o segundo já é o segundo.

Literaturas que fácil se deixam copiar pelos mecanismos de reprodução artificial e falso aprendizado, porque genéricas e tipificadas, são descartáveis e merecem a morte prematura da qual desfrutam.

Pedagogia[69] e literatura só se trombam tanto nos mesmos rolês por falta de eventos. *Falta*.

---

[69] Me adiantando um pouco a rezas: tem, sim, um tom ageísta nesse meu texto, contra nossos anciões, contra nossos erês, focando no *prime* etário eurocêntrico, pedindo pelo retorno duma literatura libertinada, experimental e inacessível produzida por jovens-adultos. *Aquelas-coisas, La Bohème do Aznavoir*. Não vou me defender: é isso mesmo. Mas não pela estética, não por uma internalização sintomática, não pela falta de avós — tive mais de cinco —, não por traumas na infância — tive mais de cinco, mas já tá de boas —, mas por uma análise certa-feita aprofundada. Nosso foco nos nossos mais velhos facilmente é cooptado pelo patriarcalismo do 'véio da lancha', quando não ao desdém dissimulado do 'tá bom, vó'. Parassocialidade é parassocialidade, independente de intenções. Discutir e desrespeitar são coisas cuja diferença escapa ao reverencialismo superficial, o que deixa nossos idosos ilhados numa bolha de agrados fáceis e premiações levianas. É importante demais valorizar nossos pioneiros, é importante demais reconhecer quem lutou pra chegar em idade de frutos, mas aí de repente ninguém sabe como que a Alcione foi parar naquele meme com o Pedro Sampaio e ninguém quer sistematizar formas de apreço não precificadas. É só isso que eu vou falar quanto a isso; sobre crianças posso falar um pouco mais: essa *vivência* eu já tive. Nosso foco nas novas gerações é devido e ainda é pouco. Sim, politicamente: a vulnerabilidade é real. Mas o que cria precisa é de brinquedo de madeira, segurança alimentar, escola integral, feira-do-livro de prefeitura pequena e uma DPCA que não seja apenas um golpe de zap. Um computador pra fazer pesquisa de escola devia ser política de governo. O resto é Hasbro. O resto é a introdução prematura de pivetes nesse modo de produção; seja pelo consumo, seja pelo cedo incentivo ao labor em arte, seja pelo vislumbrismo *kanyewestista* que nos esmaga todos os dias. São casos e casos, mas num macroestrutural vem rolando isso. E aquela conversinha capenga de que Harry Potter fez muitas pessoas que nunca pegaram em livro pegarem num livro — e aí, e aí, e aí — finalmente chegou no seu maturamento de tempo necessário pra que a gente já possa afirmar que quem falou que isso não tava procedente e não ia dar nada tava certo na largada. A gente já pode falar que avisou. Olhem ao redor, fraguem o que rolou: nem falo tanto de onde a autora amocou o pesado do que ela ganhou de otário — o que já é grave —, mas no mercado de bugigangas gerado pela literatura de consumo

Sinceridade e sentimentalismo só são ferramentas literárias na medida em que chocolate e morangos são ingredientes pra bolo. Anda faltando farinha na cena, espantosamente. Quem diria? Deve ser a guerra às drogas.

Literaturas que se vestem da linguagem límpida e irruída da norma culta e corporativista, porque é o que se rasteja ao retroalimentante dos mecanismos de pesquisa e SEO, tanto obra quanto autores, são deploráveis, merecem a morte.

Isso porque é o que te assegura voltar de Tuga numa peça só de corpo, porque seu charme é lá, e lá, além de a si mesmo contra epítetos raciais (isso mesmo se branco), cê tem que defender o AO90 dos fascistas declarados como se ele nos contemplasse; como o bom progressista que cê é, como esse bom frente-ampla da língua.

Porque pra qualquer coisa além de periculosidade estética e pós-doc em Ilha das Flores, as pedradas da crítica são fortes demais pra tua fuça de coitado. E esse aqui, afinal, é o gênero artístico em que nos deixamos linchar um usuário de crack porque engambelou uns otários, não o qual nos deixamos assumir que negros riquinhos são, sim, dodóis de racismo, mas também são mimados.

Nem tudo é herança, tem parada que é febre.

Porque — e isso é conclusão bem tranquila de se chegar — o SERASA é a oitava musa do fruir artístico no Brasil, e não senão por isso nossos expoentes esgarçam arcadas em CCBBs. Tem autor aí viciado no tigrinho, ou eu não entendo de maldade.

Culpem a miscigenação ou os privilégios pardos, mas sinto dever dizer algo em defesa da editoração branca e *branco-adjacente*: nem tudo é estritamente estrutural. Perdão.

O marasmo estético da literatura brasileira contemporânea não é filho de mãe-solo de racismos linguísticos habitando comentários em PDFs. Escolhas se justificam, e bem tranquilamente, quando conscientemente feitas. Então não tem como tirar o corpo fora quando uma peça é fraquinha.

---

massificado. Quase-sempre, o próximo objeto duma mão que segurou *Deathly Hallows* — aposto cinco pila nisso — não foi *Guerra e Paz*, foi um cachecol vermelho e amarelo. Falo isso porque eu tava lá, eu vi: nem fanfic no AO3 a galera que não emprestava livro pra não estragar orelha lê mais. É denso. Tem muitos presos no *looping* de *reviews* nostálgicos de jogos pra PS1 e na justificação do consumo de *triple-As*. Isso aí não é literatura fonte-primária. Quem acredita em massificação como incentivo à leitura tem o mesmo naipe de quem fala que maconha é 'porta de entrada'. Literatura não é um bem *a priori*, livros por si só não são anticapitalistas ou decoloniais, nem mesmo argumentos a favor da leitura. Cultura livresca é coisa de otário e infelizmente cê tem que ter certa idade pra pegar isso no ar, porque não te contam. Ninguém vai te contar que aquela frase de 'quem lê escreve bem' é um chorume da pedagogia tradicional que veio se alojar nos escolanovismos porque mentir é tranquilo se te der ferramentas. Nove a cada dez professores que falam 'escrever bem' querem dizer 'sem erros de português', e eu não espero ter que explicar a lógica por trás e o porquê dela ser violentamente colonial. Espero, também, não ter que explicar porque que o papinho de adequação linguística e a dicotomia formal/informal é uma versão *light* de catecismo. 'Ler um livro é viajar', eles dizem, e pode até ser que sim; mas botar aluno difícil pra ler um livro é uma estratégia manjada pra fazer ele sentar e calar a boca. E eu desconheço literatura infantil que bata de frente quanto a isso, aceito sugestões. Que o maravilhamento por capas não enrugue lombadas é um clássico, mas isso é um bagulho que cê pega só depois, conforme já falei. *Ça voulait dire on a vingt ans*.

A inexistência de edições *ne varietur* de obras já consagradas ou de autores com a banca de segurarem tais rojões demonstra plainamente que a escrita negra é *sumemo*. Aceita. Não tem pepita alguma nessas tranças.

Se há algum potencial sendo cerceado, o cerol não chega às mãos dos censores.

E, sim. O sentimento é mútuo, sem dúvidas. Não quero brincar de café em *cafés*. Cês não colam comigo, tão riscados. Cês não são sequer falados-sobre. Com que tempo?

Not every nigga Basquiat.

É melhor que releiam seus textos, pro bem do que cês acham que podem chamar de 'acontecimento literário', é melhor que os corrijam: cês são menos que lixo, *cês são recicláveis*.

Cês são a International Paper e as outras madeireiras, independente da estante em que se disfarçem na Amazon. Independente da choradeira sentimentaloide — coisa que era ferramenta de sinhá, geração passada, de Karen — é tudo bem calculado. Senão pel'ocês, pelos capatazes.

É bom que nos entreguem de bom grado o que quer que seja essa merda que chamam de Literatura Negra pr'a gente espremer num paredão ver se ainda dá um caldo. Já deu d'ocês.

Se adiantem ao destino, entreguem-no-as, e, se sim, se lúcidos no fim, se assim como dizem tão visionários e generosos e abridores de portas, rodaremos canetas vermelhas nas suas últimas cartas. Bom-grado.

Hipercorrigiram, coitados.

Não vai ter posteridade pra quem se vendeu aos manuais e ao Houaiss; o pior é que nem ele dava essas que cês tão dando.

Muitos outros pensadores e literatos passaram e padeceram sem que virassem notícia porque não cabiam nos moldes recém fundidos do que é sentir o mundo enquanto negro intelectual-orgânico/mulher-forte. Isso pra mim é sem perdão, isso pra mim é o gás que me impele a destruir essas merdas de conquistas e sitiados de kufis novos e durags do avesso e tentar de novo.

É o que me impele a falar que nem todo defunto é ancestral, aqui, conosco. E algumas mortes vão ser comemoradas, no sentido bem ocidental da coisa.

Perguntem ao autor negro de quais territórios de quais povos originários vieram a polpa da edição já com o selo do prêmio Jabuti. Perguntem se ele se permitiu a ousadia de ir lá ver se os eucaliptos de replantio não tão fudendo com a vida de comunidades agrícolas, ou se pegar avião é só pra ir fazer *finesses* em tablados.

Brincar é fácil. Ser criança é fácil, mesmo pra quem não teve infância. *Aqueles lá*, mesmo, brincaram e brincam montão. Vieram pra cá só de *brink*s. Qualquer coisa: 30 anos é menino. E inadvertidamente compramos isso como meta.

Compramos, vírgula. Restauro aqui a categoria do sujeito.

Se virem com essa merda.

· esperando precisarem de mais um 'rei' em alguma coisa

Pelé morreu. A semana de 22 desse novo século já foi, passou batida.

Nisso, cadê o *avant-garde* da coisa? Dar cara em festival? Fingir ser um dos primeiros, de novo? Ser literalmente um molho-de-chaves humano, abrindo portas pra não se sabe onde? Fingir ser um dos mais fodas ainda escrevendo uma prosa estancada e genericamente europeia?

Se eu pegar os autores pra avaliar a vanguardisse, o chato sou eu. E eu já admirei cada um deles antes dos últimos livros demonstrarem que o que eu esperava das suas obras é só o projeto que eu construí pra mim.

Não ser *fanboy* tá empacando o meu trabalho. Se eu não colocar minhas ideias em termos marketáveis, o que é que significam afinal? Mesmo essas ideias aqui presentes e prensadas. Se eu não polemizar: nada.

O mercado editorial brasileiro é a coisa mais comezinha e rançosa que eu participei na minha vida. Isso porque antes de ficar sóbrio eu não recusava rolê.

É uma pena que eu tenha o mínimo de decência de não me enfiar no Velho Imundo[70] pra servir aos propósitos tenebrosos duma meia-dúzia, enquanto a outra dúzia não entende as benesses que o trabalho imigrante — mesmo que de arte — trás pro sistema. Futebol-arte, também.

Ia ser uma boa não ter. Ia ser uma graça trombar com supremacistas sendo pago em euro: em real já não compensa mais. Empoderamento deve ser sobre isso.

Qualquer chance de trabalho internacional eu tiro meu visto. Não haverão fotos, óbvio; não sou zé. Ainda não perdi a minha dignidade. Mas se eu sumir, já sabem.

É uma pena que eu tenha mandado meu manuscrito pro SESC e não pra LeYa, quem sabe rendesse. Coisas piores renderam. Vai ver o critério é esse — e muito provável é, infelizmente. Eu precisava dessa grana.

Tivesse eu lá, quem-sabe, e o óbvio[71] acontecesse, como sempre acontece[72], eu viraria notícia. Aliado adora ver. Os nossos que ainda não saíram do dodói também. E que bom isso seria pros meus outros livros, que apesar de *#sankofa #inspiradonohiphop #literaturamarginal #escrevivência #hotep #antirracismo #afro #LGBTQIAPN+ #dengos #instafro #antadiop #afroinsta #repost #literaturaafro #kilumbu #paradidático*

[70] Gostaram?

[71] 'Ah, mas porque o que é obvio pr'ocê...' tá certinho sim. Bobo sou eu por não querer ser.

[72] E o quão bom se eu gravasse. O quão bom se eu trabalhasse em alguma coisa que se responsabilizasse pela segurança do meu corpo como se fosse parte do meu valor enquanto trabalhador. O quão bom seria estar assegurado contra o rasteiro da violência que eu me boto pra bater toda vez que eu saio de casa; já que não famoso, já que não um *asset*. Eu não sabia que negros precisavam saber que o Vini Jr nunca vai ser linchado nas ruas da Espanha, porque galera achou que sim. Galera acha que esse mano, e atletas negros, dum modo geral, são donos do próprio corpo. Galera é burrinha demais, vou te falar. Dá até leseira.

#leiamnegros #negrõesenegronas #ubuntu #marginal #curasancestrais #diversidade #literaturabrasileira #memórias, *#territorialidades,* não venderam.

Deixa eu falar pr'ocês o que é que é torto...

Mas aí se eu der certo, independente disso, independente de solidariedade racial que não se tem nenhuma, independente desse *Nós* do *Johnny Alf* que não tocou no meu radinho ainda — não tive nada disso até agora —; se eu der certo e falar um *ai*. Ai.

Ai de mim. Recusar colar numa dessas *vernissages* patrocinadas pelo... Ou me recusar representar alguma coisa, quando na hora de me apresentar, bem...

Galera ainda tá na *fissa* de compartilhar trechos de desrespeitos comendo soltos no Roda Viva. Fazer as contas pra ver se vale a pena que é o foda.

Acho que eu não preciso nem falar que eu tô cagando-cascalho pra saúde mental de escritor-tadinho enquanto a autoestima dele[73] tiver com o pé na jugular da arte à qual nós, também, dedicamos nossas vidas. Tiver que ser, a coroa de crisântemos vai ser minha, escolham outras flores.

E, de passagem, pós-docs da UFBA fazem perder a carteirinha de pobrezinho marginal em entrevistas pra Globo. Nem é eu que tô falando, tá na Bíblia.

Povão é a diarista que vira-e-mexe esquece de não te chamar de doutor. Sim, é uma rotina muito corrida[74].

---

[73] Ou a falta dela.

[74] E pra não finalizar as Notas sem um abano de lenço, vou me dispor a um último comentário realmente útil sobre essa coisa toda — e não o desabafo letrado que o corpo do texto desembestou a se tornar. Um dos grandes chavões da ficção e não-ficção negra no Brasil é tematizar a política econômico-desenvolvimentista de ascensão social nas veias da sociologia freyreana — de Gilberto, não Paulo, conforme acusa o *y*. O Brasil nasce de desgraçados a serem donos de desgraças; ok, até aí dou razão pra ele. Se tematiza, e até muito-que bem, as implicações racistas e coloristas do assujeitamento à lógica liberal (neo- e paleo-) de oferecer escapes pontuais àqueles que consigam servir aos propósitos propagandistas de esperançar um povo com a narrativa específica de que compensa mais fazer o seu que se alinhar a causas sindicais, étnicas e identitárias. Escrever sobre os seus vizinhos é fazer o seu, não o deles: volta lá e pergunta se não. É patético que a obra fundacional da Literatura Negra contemporânea, Quarto de Despejo, não sirva função fabular para novos escritores. Isso sem falar do resultado do prêmio Carolina que acaba de sair — vivemos numa era que produz literaturas que *não-se-aplica*. Meu problema com a estetização da luta é a falta de compromisso com o real. Que artes não sejam facilmente sindicalizáveis é só uma fraqueza nossa e uma explicação do porquê tantos desses manequins — senão todos — são artistas. *In extremo libro*, 'sonhar', hoje, é *grindset* e os grandes impérios dum Atlântico de outrora bem servem ao propósito de impulsionar negros, livres, a rodarem moenda; tão bem o servem quanto o clipe de *Niggas in Paris,* quanto um uniforme de roxinho, quanto um chapéu e uma zagaia. Mesmo não perdendo de mente o certeiro de que passar fome não é de serventia a ninguém, individual ou coletivamente: a inquestionabilidade de 'acontecimentos literários' nos oprime. Capital-de-giro é, sim, *capital-njila* nas mãos certas. Tudo isso já é tema, exaustivamente. O que se coloca, agora, em questão, é o direcionamento. Literatura de conforto é um direcionamento, e a dicotomia entre conforto e confronto com a qual trabalhei na segunda parte do por-findar ensaio não é de todo fechada. Há, sim, um *opus* de sofrimento a se elevar ao reconhecimento e a destronar características ao-presente estanques no grão-geral de obras publicadas. Não nego isso. Não quero desmerecer escritas negras só porque não gosto das *vibes* e me recuso ao preâmbulo. Só me adianto à presença de-governo do que se coloca como oposição. A mim, cabe pensar — sem carinho algum — na dissolução do fator social dos *royalties* — que maiores do que se imagina — e do inocentamento das figuras centrais da Literatura Negra; o

Imagino.

crivo inescapável da acepção acadêmica de um trabalho que se autointitula marginal; a inacessibilidade dos manuscritos pra genética-literária a quem não se deseja matricular em descontos de cinema; a destextualização de textos, que se contextualizam pra além do material em si; o preço do livro por-cabeça numa economia recessionária; o macaco hidráulico que é o termo — quase sempre em plural — de 'intelectualidades orgânicas', quando se tratando de intelectualismos catedráticos reformados; &c. Se atentem aos movimentos do mercado. Se atentem à palavra Movimento, quando simples ou maiusculada. Não raramente 'saber de onde eu vim' denuncia certa quilometragem. Ser um Imortal não é exatamente a resolução da contenda de ser postumamente reconhecido. Talvez cê não seja o Lima Barreto dos nossos tempos, afinal. E entender isso é saber que, do outro lado do maquinário da imprensa, alguém, ou muitos alguéns, vêm sido institucionalizados pela genialidade que cê alega ser sua. Entender isso, a fundo, é entender, também, que coletivos literários e cursos de escrita não têm surtido o efeito proclamado pelos seus próprios manifestos e fichas técnicas. Há um vício de arte em voga, nos últimos dez a vinte anos, que serve como peneira última do possível, em termos de literatura. Não sei. Pode nem ser tal como colocado aqui, pode ser que daqui uma ou duas décadas essa minha proposta venha a ser o filtro pelo qual novos autores tenham que se dissolver. Até lá eu dou um jeito. Só vou saber quando 'chegar lá'. É, *sim*, sobre 'chegar lá', porque daqui não se faz merda nenhuma. Não é sobre imputabilidade, é sobre se tornar responsável. E a verdade marítima da coisa é que, mesmo em águas chãs, tal como tamos, remar não é rentável.

Pra fechar. *Independente*: enquanto pardo, eu me recuso ser descendente de um otário sequer. Não me dou bem com fraqueza.

Inocência alguma faz parte da minha linhagem.

Desgraçados e filhos-da-puta, sim — homicidas calhordas, e confortáveis nisso —, de um lado. Oprimidos, sim, e guerreiros nessa condição — homicidas, quando heróicos e capazes —, de outro.

Mas nenhum otário, nenhum coitado sequer, de lado nenhum. Eu não aceito. Eu não aprovo.

Eu não aceito bondade ou isabelismos dos primeiros nem choradeiras humanizantes dos segundos, nem o misturado esquisitoso que vem rolando. Eu não aceito esse revisionismo integracionista de 'pessoas' tentando 'conviver' entre 'microagressões'.

Existe uma historicidade de assassínio, estupro e violência-de-guerra nas minhas veias. Existe o chorume do que há de mais anomeado e inimaginável das atrocidades humanas, que eu não vou reformar pra creche.

Eu não vou ser uma dessas piranhas claro-cacheadas e hipersensíveis falando de dengos. Eu não vou ser um MC fracassado catando dinheiro cantando a morte de negros. Eu não vou ser um 'conheça um' na sua lista de Novembro. Eu não vou ser um poetinha de merda.

Não me sinto excluído. Não tô excluído. Não faço questão.

Anota o seguinte:

Tudo o que as editoras brasileiras mais querem é um racialmente-ambíguo que escreva mal demais pra ser uma ameaça. Quanto à ambiguidade não há nada que eu possa ou queira fazer.

Quanto à escrita... *Quanto à escrita?*

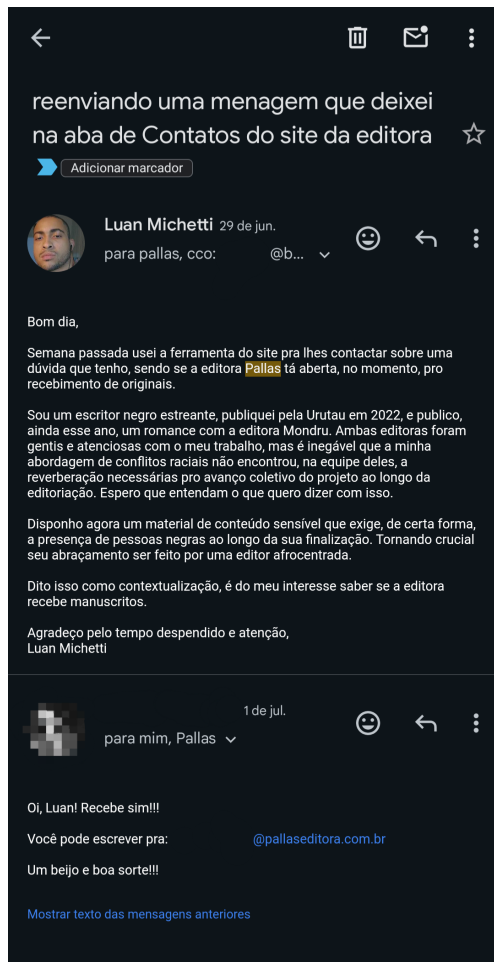
Eu racho. Racho mesmo. Me fala que não. Fala.

Ter a coragem de recusar narrativas elogiosas é o começo de qualquer coisa. Ter a audácia de não ser a porra de um miserável de olhos estalados... Me fala se não? É a faísca de qualquer fogo, te dou isso.

Se tu for negro, nem pede as contas: *leva*.

· o pé:

IMAGEM1



reenviando uma menagem que deixei na aba de Contatos do site da editora

Adicionar marcador

Luan Michetti 29 de jun.
para pallas, cco: @b...

Bom dia,

Semana passada usei a ferramenta do site pra lhes contactar sobre uma dúvida que tenho, sendo se a editora Pallas tá aberta, no momento, pro recebimento de originais.

Sou um escritor negro estreante, publiquei pela Urutau em 2022, e publico, ainda esse ano, um romance com a editora Mondru. Ambas editoras foram gentis e atenciosas com o meu trabalho, mas é inegável que a minha abordagem de conflitos raciais não encontrou, na equipe deles, a reverberação necessárias pro avanço coletivo do projeto ao longo da editoriação. Espero que entendam o que quero dizer com isso.

Disponho agora um material de conteúdo sensível que exige, de certa forma, a presença de pessoas negras ao longo da sua finalização. Tornando crucial seu abraçamento ser feito por uma editor afrocentrada.

Dito isso como contextualização, é do meu interesse saber se a editora recebe manuscritos.

Agradeço pelo tempo despendido e atenção,
Luan Michetti

1 de jul.
para mim, Pallas

Oi, Luan! Recebe sim!!!

Você pode escrever pra: @pallaseditora.com.br

Um beijo e boa sorte!!!

Mostrar texto das mensagens anteriores

IMAGEM2

envio de original Adicionar marcador

Luan Michetti 5 de jul.
para

Boa noite,

Recentemente troquei mensagens com a sobre a disponibilidade da Pallas em receber originais. Como expliquei no email pra ela, sou um escritor negro, tenho 24 anos, publiquei pela Urutau em 2022 e publico, ainda esse ano, um romance com a editora Mondru.
Ambas editoras foram gentis e atenciosas com o meu trabalho, mas é inegável que a minha abordagem de conflitos raciais não encontrou, na equipe deles, a reverberação necessária pro avanço coletivo do projeto ao longo da editoriação.
Venho trabalhando há alguns anos com um material de conteúdo sensível que exige, de certa forma, a presença de pessoas negras ao longo da sua finalização. Tornando crucial que seu abraçamento seja feito por uma editora afrocentrada como a Pallas.

Em resposta ela me encaminhou o seu email, afirmando, também, a disponibilidade da editora em avaliar originais.
Com isso, gostaria de confirmar essa possibilidade e te perguntar sobre as especificações e preferências do envio — se confirmada. Coisas do tipo: formato do arquivo, formatação do texto, resumo breve (ou longo) da obra, bio, redes sociais etc.

Agradeço desde já a atenção,
Luan Michetti.

Luan Michetti 15 de jul.
para

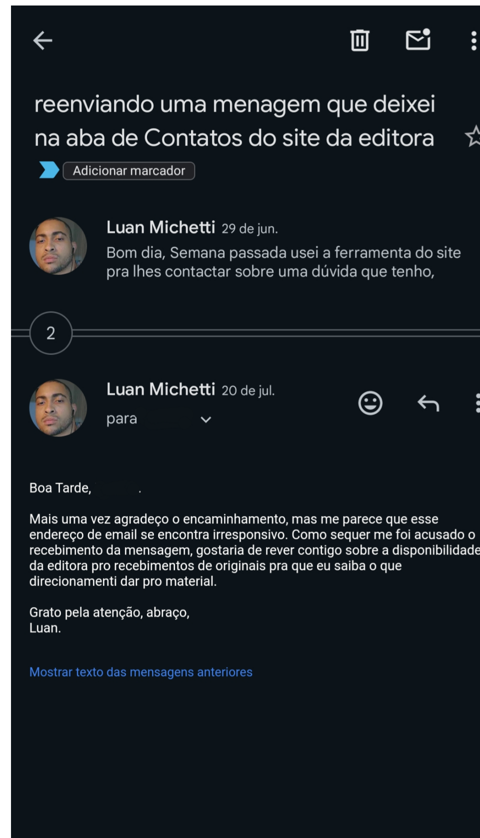
Bom dia,

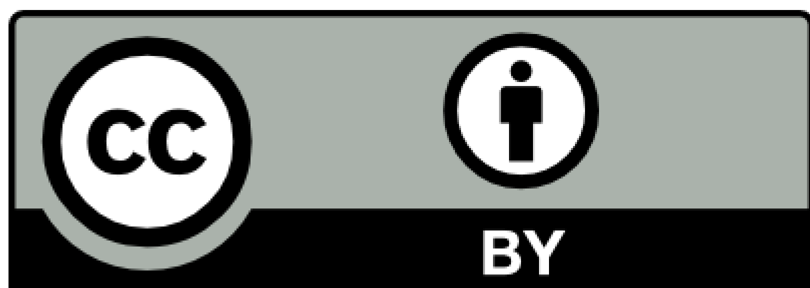
Peço desculpas pela recidiva, mas é possível que meu email original não tenha te alcançado.

Abraço,
Luan.

Mostrar texto das mensagens anteriores

IMAGEM3


reenviando uma menagem que deixei na aba de Contatos do site da editora
Adicionar marcador
Luan Michetti 29 de jun.
Bom dia, Semana passada usei a ferramenta do site pra lhes contactar sobre uma dúvida que tenho,
2
Luan Michetti 20 de jul.
para
Boa Tarde, .
Mais uma vez agradeço o encaminhamento, mas me parece que esse endereço de email se encontra irresponsivo. Como sequer me foi acusado o recebimento da mensagem, gostaria de rever contigo sobre a disponibilidade da editora pro recebimentos de originais pra que eu saiba o que direcionamenti dar pro material.
Grato pela atenção, abraço,
Luan.
Mostrar texto das mensagens anteriores


cc
BY